

[DRAMATURGIA]

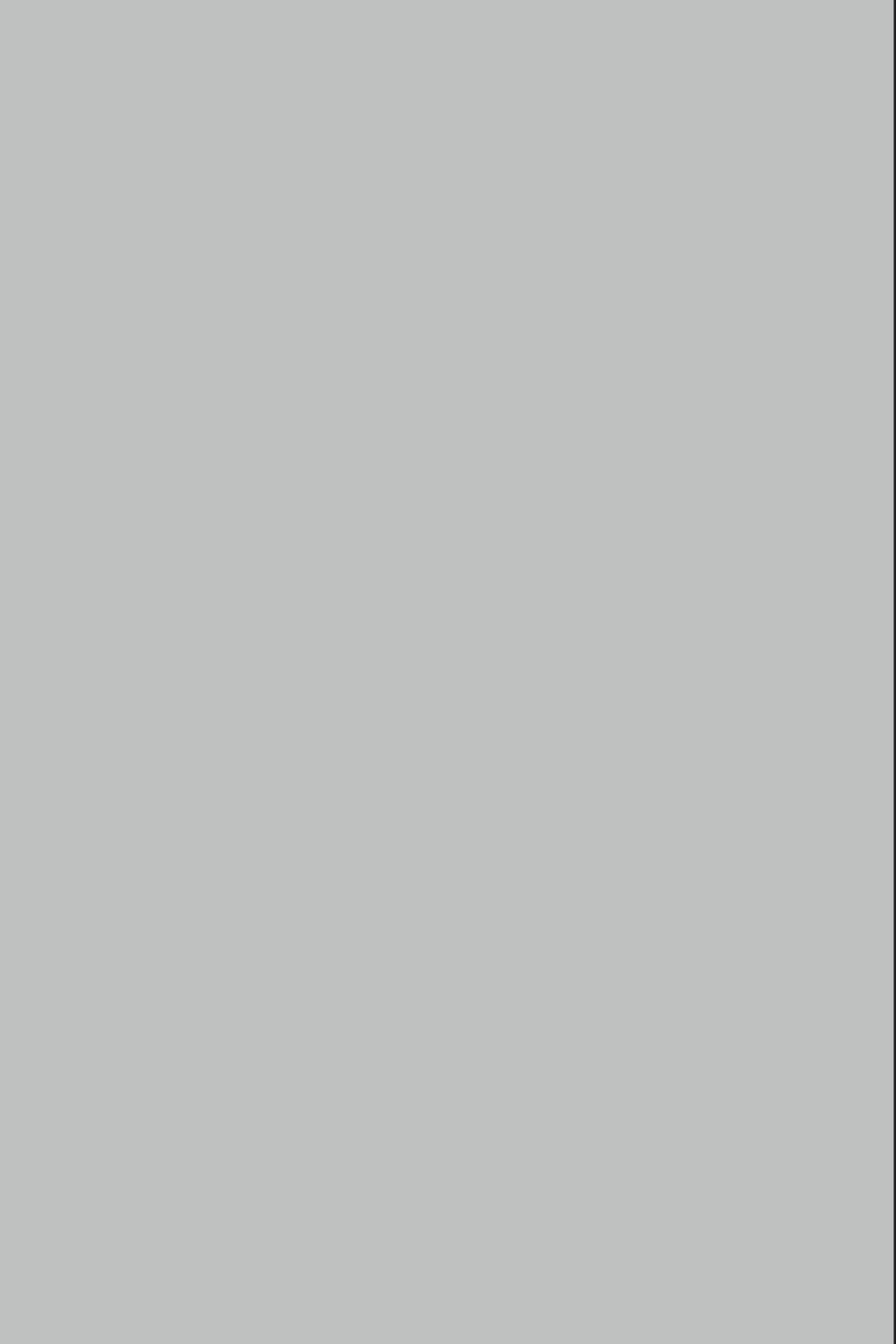
DENTRE
OUTROS
PEQUENOS
ILUSTRES

Ali Freyer

[] [] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 


Lumax
EDITORA



ALI FREYER

DENTRE OUTROS PEQUENOS ILUSTRES



FAZENDA RIO GRANDE - 2025



MINISTÉRIO DA
CULTURA



COPYRIGHT © 2025 BY ALI FREYER

Título: **DENTRE OUTROS PEQUENOS ILUSTRES**

Linha literária: **DRAMATURGIA**

Rodrigo Guedes

Design de capa

Tâni Falabello e Paula Vendramini

Revisão

Lhaisa Andria

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freyer, Ali

Dentre outros pequenos ilustres / Ali Freyer. --
1. ed. -- Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora,
2025.

ISBN 978-65-85802-25-3

1. Artes cênicas 2. Dramaturgia 3. Teatro
brasileiro I. Título.

25-254199

CDD-792.81

Índices para catálogo sistemático:

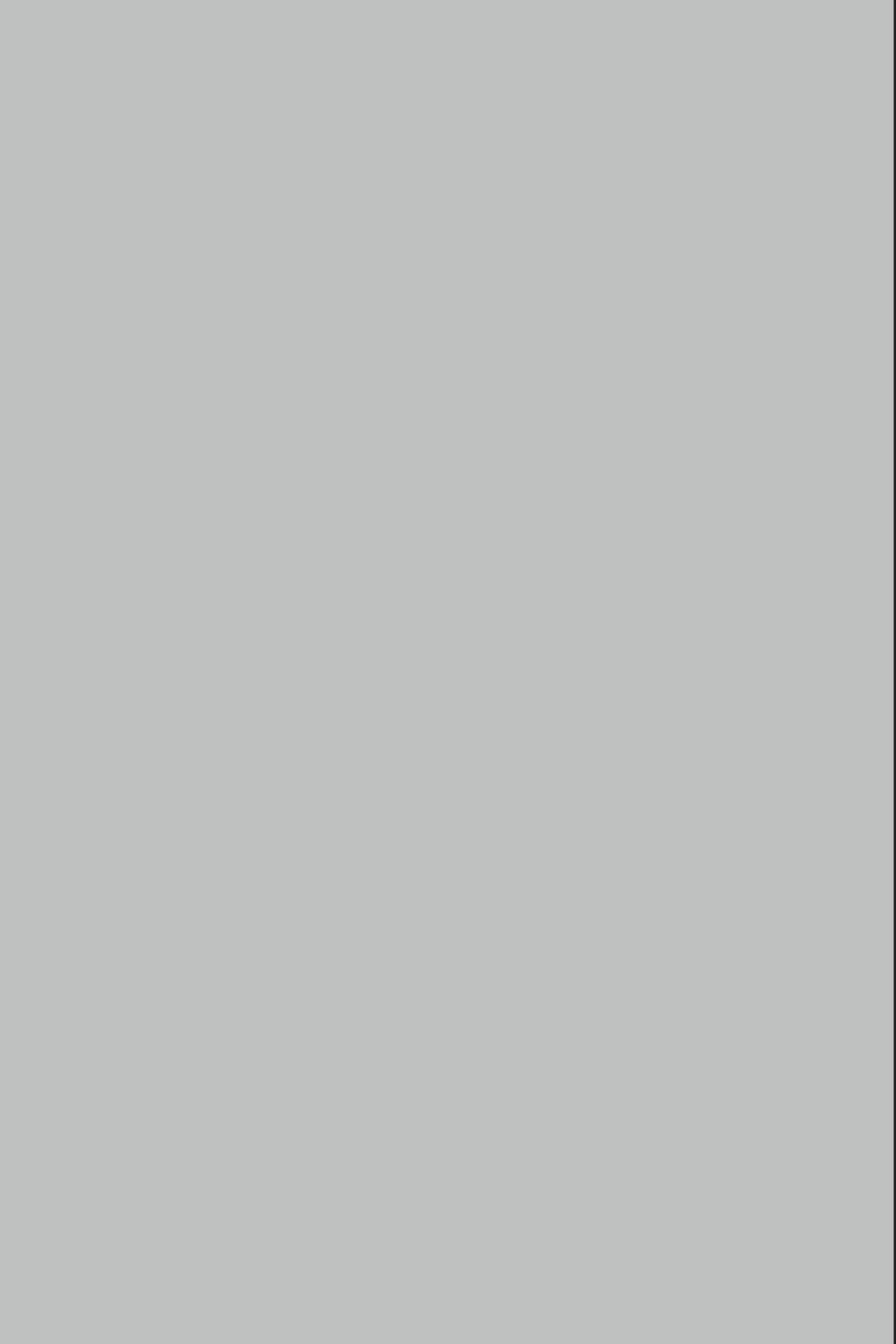
1. Dramaturgia brasileira : Teatro : Artes da
representação 792.81

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



www.lumuseditora.com.br





CARTA AO LEITOR

Os dois textos que compõem essa publicação fazem parte de um mesmo projeto empreendido pelo autor junto aos seus queridos parceiros de criação da Pinguim Produções que, através da Cia. Analgésica, aceitaram o desafio de se debruçar sobre a vida e a obra de duas grandes figuras da cultura brasileira, a fim de investigar um modo próprio (e coletivo) de aproximá-las do público – de forma geral, mas mais especificamente das crianças – por meio da linguagem do teatro de bonecos; sem, entretanto, assumir qualquer compromisso com a construção de biografias cênicas que primasse pelo rigor cronológico e histórico no trato de suas trajetórias.

Antes, objetivou-se metaforizar elementos de seus percursos pessoais e artísticos na criação de duas narrativas que têm como personagens centrais duas crianças, reverenciando Heitor Villa-Lobos e Carmen Miranda através das personagens Tu-Hu e Maria.

Os textos elaboram, cada qual a seu modo, os caminhos destas duas crianças em suas buscas individuais, que simbolizam as buscas de todos nós (não importa a idade que tenhamos). E, se Tu-Hu sonha conhecer todas as músicas do mundo para construir sua sinfonia particular, Maria deseja apenas compreender a si mesma – seus anseios e potencialidades – frente às “obrigações de ser assim ou assado” que o entorno insiste em lhe impor.

Assim nasceram as duas obras dramáticas que aqui se ofertam, e não haveria modo de apresentá-las aos leitores sem agradecer o trabalho dos demais artistas que, mesmo não assinando estes textos, figuram como parte fundamental de sua concepção, uma vez que o texto é, no teatro, um dos muitos elementos que concorrem para a instauração de novos mundos, discursos, ideias e histórias. Elemento que pode

alimentar e ser alimentado pelo trabalho de direção, elenco, equipe técnica e demais criadores que, na composição destas duas narrativas, também discutiram, pesquisaram, testaram e modificaram seus caminhos.

Depois de cumprir um bonito percurso de encontros com o público enquanto espetáculos teatrais, "A busca de Tu-Hu" e "O que é que a Maria tem?" renascem aqui procurando novos encontros em um novo formato, oferecendo-se como disparadores para os diferentes "espetáculos mentais" que cada pessoa pode empreender no ato da leitura, torcendo para que estes sejam férteis e prazerosos.

Assim eu me despeço desejando a você uma ótima leitura.

Ali Freyer

A BUSCA DE TU-HU



Este texto teve sua montagem original realizada pela “Cia. Analgésica”, e estreou em 25 de março de 2015 no Sesc Água Verde, Curitiba -PR, apresentando a seguinte ficha técnica:

Texto e Direção: Ali Freyer

Elenco: Ali Freyer, Caroline Marzani, Juliane Souto e Rodrigo Hayalla

Iluminação: Erica Mityko

Direção Musical: Renan D’Ávila

Supervisão de Confeção de bonecos: Tádica Veiga

Operação de som e Assistente de Produção: Lígia Quirino

Direção de Produção: Rodrigo Hayalla

Realização: Pinguim Produções

○ PROTAGONISTA

O maestro e compositor Heitor Villa-Lobos era, quando criança, chamado de Tu-Hu, pois gostava de imitar o apito do trem. Esse importante artista brasileiro perambulou por cidades e sertões do país registrando as manifestações culturais populares e as músicas folclóricas do nosso povo, foi ligado aos precursores do Chorinho, e um dos primeiros nomes a divulgar a música brasileira mundo afora.

A peça de teatro que você vai ler agora não tem a intenção de contar tintim por tintim a vida desse personagem ilustre, mas se baseia em momentos, encontros e imagens da vida de Villa-Lobos para inventar uma aventura para o menino Tu-Hu, que deseja compor a música mais bonita que já existiu, e que percorre todo o seu quintal, e até as terras além dos seus

muros, nessa busca. Busca essa que pode ser a de qualquer criança (não importa se recém-nascida ou de cento e tantos anos), para realizar seus sonhos.

PERSONAGENS

TU-HU: Boneco de um menino com roupas que remontam o início do séc XX. É o nosso “personagem título”, inspirado em Heitor Villa-Lobos.

HOMEM DO REALEJO: Personagem de ator cujo figurino se compõe de sanfonas. Carrega consigo um instrumento musical para acompanhar seu canto que chama o público de suas adivinhações.

MÃE JOANA: Boneca com roupa de lavadeira, criada a partir do formato do Xequerê. Representa o encontro de Heitor Villa-Lobos com as matrizes culturais formadoras da cultura Brasileira.

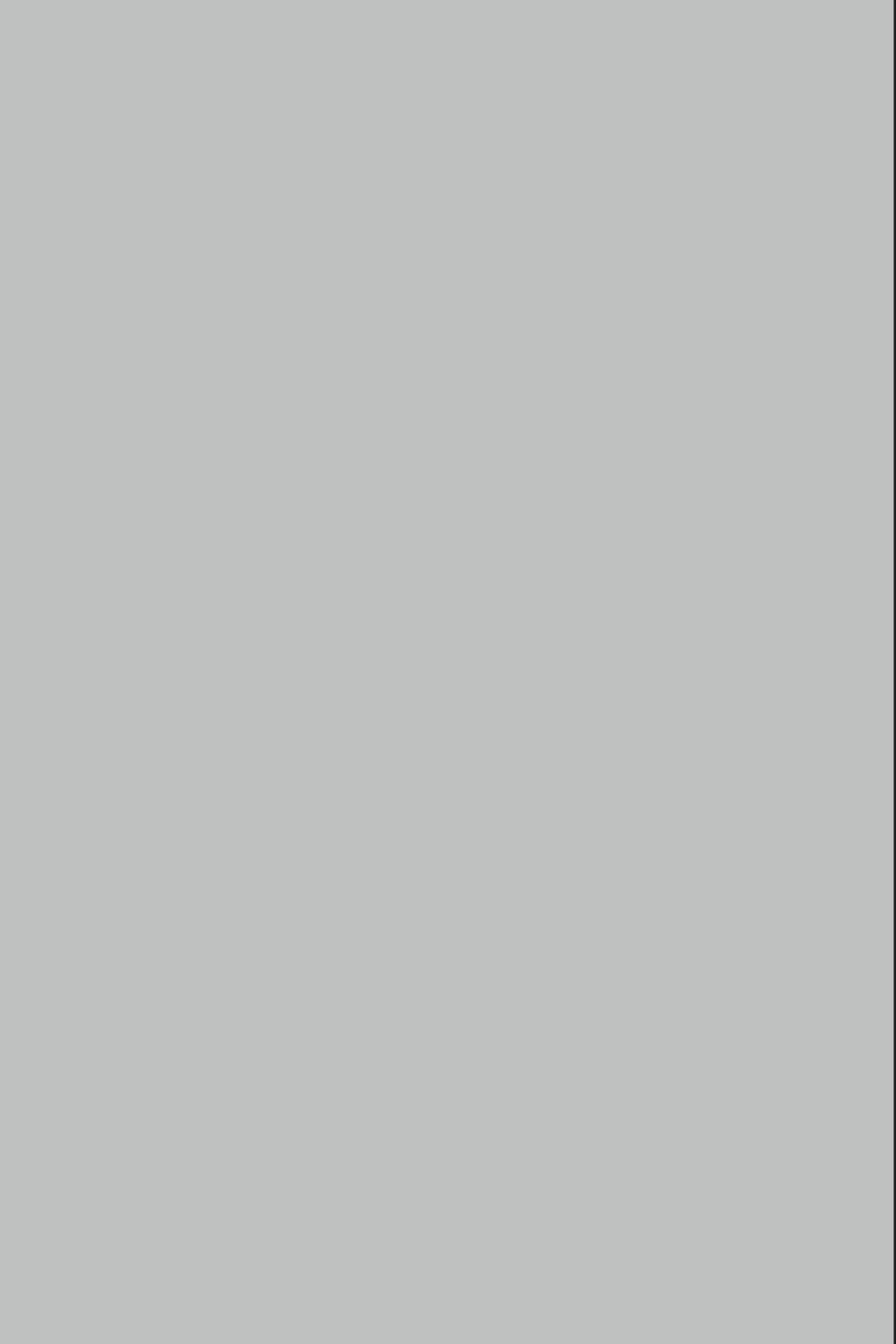
CHORÕES ERNESTO E CATULLO: Bonecos em forma de cavaquinho e bandolim, respectivamente. Representam os precursores do “chorinho” brasileiro Ernesto Nazareth e Catullo da Paixão Cearense, que foram de grande influência no início da carreira musical de Villa. Numa brincadeira com o outro sentido do nome deste ritmo musical, estes dois personagens passam o tempo todo chorando.

CAIPIRA PIRAPORA: Representada por uma atriz cujo figurino traz ornamentos que remetem a flautas doces. Sua cena evoca as andanças de Villa-Lobos pelo Brasil, sua relação com a gente simples e a natureza, além de fazer menção ao “Trenzinho do caipira”, uma das mais célebres composições do maestro.

COMISSÁRIO TICO-TICO: Boneco de pássaro-comissário de bordo do trem que leva Tu-Hu para outras terras. Faz menção a diversos gêneros musicais e obras de outros grandes nomes da música brasileira.

TURRU: Boneco de um menino, semelhante ao boneco Tu-Hu. Inspirado em Arthur Rubinstein, pianista que desenvolveu grande amizade com Heitor Villa-Lobos e foi muito importante para a divulgação do trabalho de Villa em diversos países.

MESTRES BACH e BEETHO: Dupla de ator e boneco caracterizados como Ludwig Von Beethoven e Johann Sebastian Bach, mestres da música erudita que tanto influenciaram o autor das Bachianas Brasileiras.



A PEÇA

CENA 1

(Uma praça pública, inicialmente vazia. Ouve-se crescendo o acompanhamento musical enquanto entra muito lentamente no espaço o Homem do Realejo. Ele toma o centro da cena, cumprimenta a plateia, e canta).

HOMEM DO REALEJO - No realejo que viaja o vilarejo,
em sortilégio a sorte eu vejo
e, se deseja, vou contar.
Se quer saber da presepada preparada,
só me pare pela estrada
e me pague pra falar!
Oh, seu passante, por favor, preste atenção,
pela paga de um tostão
adivinho o que quiser...
Doença rara de ouvido e de pulmão,
os segredos do patrão,
do marido ou da mulher!

(falando com espectadores que toma por transeuntes da praça, num jogo entre espaço ficcional e cênico, enquanto o acompanhamento segue)

Vamos chegando, minha gente...
Chegue daqui. Chegue dali. Chegue de lá...
É hora de adivinhar!

(ele se posiciona e estende o chapéu onde vão caindo moedas enquanto ele volta a cantar, mirando cada hora um interlocutor):

Dentre outros pequenos ilustres

Dona Iracema
tá com inchaço na barriga.
Tá achando que é lombriga
mas pode voltar a sorrir...
Não é problema,
não fique assim preocupada.
Sua pança tá estufada
pois vai nascer um bacuri!

Seu Aguilar,
seu destino está traçado.
Vai morrer de resfriado,
é bom friagem evitar.

Já Madalena,
antes mesmo de Janeiro,
vai casar com estrangeiro
e nas Europas vai morar.

E a dona Sil,
e a Abigail,
e o seu Lobato,
e o doutor Ari...
Vai ser vovó,
vai ficar loló,
vai ganhar na Loto,
vai ser feliz!

*(Fim da canção. Ele segue falando, dispersando os passantes,
e não nota a chegada de Tu-Hu, pelo fundo da cena)*

HOMEM DO REALEJO - Chega de consulta por hoje.
Vamos, todos circulando que agora eu já cansei (*para si*)
Há mais coisas para se sentir nessa terra tremente
que as picuinhas e ladainhas dessa gente.

(Ele vai recolher o realejo e se assusta com a presença de Tu-hu ao lado)

CENA 2

(Mesma praça, onde estão agora Tu-Hu e o Homem do Realejo)

HOMEM DO REALEJO - Que é isso menino? Que susto!... Parece assombração!

TU-HU - Ué... Você não é adivinhão?

HOMEM DO REALEJO - Pois sim (*pigarreia e cumprimenta*) Pois não!

TU-HU (*debochando*) - E não conseguiu adivinhar que eu estava aqui?

HOMEM DO REALEJO - Fique sabendo que existem coisas mais importantes para se ouvir soprar no vento, que paradeiro de menino xexelento.

Ouviu, seu Tu-hu!?

TU-HU - Eu não sou xexelen... (*espanta-se*)... Tu-hu? Você me chamou de Tu-hu? Você... você... adivinhou meu nome.

HOMEM DO REALEJO - Adivinhei nada!

Eu tenho o costume de ir molhar a goela lá na venda do seu tio, e já te vi muitas vezes por lá...

Foi você que não me viu.

TU-HU (*debochando outra vez*) - Ah... Então você não adivinha nada!

HOMEM DO REALEJO - Há mais coisas para se ver no estalido de uma chama, do que vida de menino que ainda faz pipi na cama.

TU-HU (*mostrando uma moeda*) - Já que é assim, acho que não vai querer essa moeda... (*finge que está indo embora*).

HOMEM DO REALEJO - Onde conseguiu uma moeda tão valiosa?

TU-HU - A-di-vi-nha!

HOMEM DO REALEJO - Se eu adivinhar ela- é-mi-nha!

TU-HU - A moeda é sua se adivinhar outra coisa, combinado? Eu vim até aqui por dois motivos: primeiro para ouvir tocar o realejo, e depois para que você adivinhe a solução para um problema que me preocupa agora.

HOMEM DO REALEJO - E o que pode preocupar um menino do seu tamanho?

Os dias de prova?

O medo da sova?

A hora do banho?

TU-HU: Quero que me diga o que eu vou ser quando crescer!

HOMEM DO REALEJO - Ah, é isso... E como é que eu vou saber?

TU-HU (decepcionado) - Você é mesmo um charlatão!

HOMEM DO REALEJO - Olha bem, Tu-hu. Presta atenção:

Tem futuro que o adivinho pode até pegar com a mão.
Negócios, gravidez, casamentos, traição...
São coisas que num pulinho já chegam à sua conclusão.
Mas o futuro de longe, que ainda está para se escrever,
é muito difícil saber que rumo pode tomar.
Eu vejo nos seus olhinhos os olhos de um viajante,
que pode ir até as terras distantes,
mas sempre pensando em voltar.
As estradas, aventuras,
desagrados e agruras
só você vai poder encontrar!

TU-HU - Quer dizer que eu posso ser o que eu quiser?

HOMEM DO REALEJO - Naturalmente, entre o desejo e o concreto

há um longo trajeto, que às vezes é duro.

Mas de uma coisa fique certo:

Um garoto assim esperto terá um belo futuro.

TU-HU (*estendendo a moeda*) - Obrigado pelo conselho! Acho que já sei bem que futuro vou planejar.

HOMEM DO REALEJO - Guarde sua moeda.

Como eu nada adivinhei, nenhuma paga mereço.

TU-HU (*insistindo em entregar a moeda*) - Pois não trouxe meu futuro, mas me apontou um começo.

HOMEM DO REALEJO (*aceitando-a*) - E posso saber qual seja?

TU-HU - Eu serei um grande artista!

HOMEM DO REALEJO (*devolvendo a moeda*) - Muito chão e pouco pão... Desista!

TU-HU - Serei um grande músico!

HOMEM DO REALEJO - Por que não algo mais básico?

TU-HU - Serei um grande maestro!

HOMEM DO REALEJO - Que papo sinistro.

TU-HU - E compositor!

HOMEM DO REALEJO - Não vai, não senhor...

TU-HU - E criar a música mais bonita que já existiu!

HOMEM DO REALEJO - Nem mais um pio!

Não vou deixar você cometer esse desvario.

TU-HU - Mas você não disse que meu futuro pode ser bonito?

HOMEM DO REALEJO - Meu amigo, eu falo por camaradagem,

porque eu não vejo vantagem nesse empreendimento.

Eu já quis a mesma sorte,

apontei para o mesmo norte,

e comprei este instrumento.

Foi-se embora a juventude, a beleza e a saúde,

e fiquei pobre igual um jumento.

(Ele para de falar. Olha para Tu-Hu, olha para o seu realejo, suspira e diz para se desdizer)

HOMEM DO REALEJO - Mas meu sentimento diz,

Dentre outros pequenos ilustres

que quem quiser ser feliz
tem que fazer o que gosta.
E você há de compor
a mais bela canção, se essa for
na vida sua maior aposta.

TU-HU - Então, me ponho em marcha!

(Tu-Hu abraça o Homem do Realejo e se afasta. Está indo embora. está seguindo seu caminho. O outro, olhando-o afastar-se, diz de si para si).

HOMEM DO REALEJO - Abrir caminhos, meu povo,
é a sina do pioneiro.
Um dia nos vemos de novo.
Até breve, companheiro!

(Ele encara a plateia como se acabasse de se lembrar de sua presença. Sorri. Faz uma mesura, pega seu realejo e deixa a cena tocando o mesmo acompanhamento musical de sua entrada, enquanto acontece a transição de luz e cenário para a terceira cena).

CENA 3

(Nas margens de um rio, o menino Tu-Hu segue andando)

TU-HU - Esse homem fala umas coisas muito difíceis para a cabeça da gente entender. Mas, de alguma outra forma acho que eu entendo. Então vamos lá Tu-hu, você precisa pensar no que o homem falou. Abrir caminhos para encontrar... o que? Como eu vou saber que caminho seguir para... *(Ele para subitamente, pois ouve uma voz feminina entoar uma cantiga)* Caminhante sem caminho caminha para onde o vento chamar. De onde vem essa canção?

(Ele caminha na direção da voz. A música cresce e Tu-hu encontra uma lavadeira. É a Mãe Joana, cantando na beira do rio. Ele escuta maravilhado, hipnotizado, até que ela o percebe).

MÃE JOANA - Que olho arregalado é esse, menino? Olhe que com cada jabuticaba dessa eu faço um vidro inteiro de compota boa. *(Tu-Hu não fala)*. Engasgou-se, foi isso?

TU-HU - Não. Não é isso, não senhora.

(pausa. Ela encara Tu-Hu que permanece mudo, e de olhos fechados).

MÃE JOANA - Se não é isso, é o que, bendito?

TU-HU - É que eu estou tentando guardar aqui dentro da minha cabeça a cantiga que a senhora cantava... É tão linda! A senhora não tem medo de esquecer?

MÃE JOANA - Tenho nada! Canção que adormece a gente em criança, quando a cabeça esquece, cada parte do corpo trata de lembrar um trequinho. A boca canta até sozinha, meu menino.

TU-HU - A senhora fala de um jeito parecido com o da minha mãe.

MÃE JOANA - Isso é porque eu também sou mãe, e acabo parecendo um pouco com minha mãe, sua mãe... Eu sou mãe Joana, meu filho. Eu sou a mãe brasileira! Mãe de muitos filhos meus, e outros tantos emprestados. Na vida de todos me meto, a todos eu peço respeito, mas também cabem todos no colo.

TU-HU - E a senhora tem muitos filhos?

MÃE JOANA - Vixe... é filho que não acaba mais. Meu filho mais velho é Xodó. Depois tive Chamego, Ziriguidum, Guri, Borogodó, Balacobaco, Bamba, Banzo, Bacuri...

TU-HU - São muitos!

MÃE JOANA - Esses são só os meninos. Tem mais a Ginga, a Mandinga, a Querência, a Candonga, a Prenda, a... *(para, confusa)* Eita. Já nem sei mais que nome falei, que nome não falei... mas sei que são 27.

TU-HU - E a senhora cantava para todos dormirem?

MÃE JOANA - Para todos e para cada um! As canções que aprendi com mamãe e com minhas tias: foi tia África quem me ensinou o cantar quente, doce... as danças mais bonitas. Já tia Europa me ensinou essa língua bonita de dizer, e tia Pindorama me deu ritmos e timbres encantados. Mas quem misturou tudo e mais um pouco, aos trancos e barrancos foi mamãe!

TU-HU - A senhora podia me fazer um favor, mãe Joana?

MÃE JOANA - Pois peça.

TU-HU - É que eu estou começando uma viagem, sabe? Que eu nem sei ao certo se vai ou não vai demorar...

MÃE JOANA - Isso ninguém pode saber nunca, esse meu menino!

TU-HU - Mas, eu queria que a senhora mandasse um recado para a minha mãe. Para ela não ficar zangada comigo, nem preocupada, que eu volto!

MÃE JOANA - Pode deixar que eu aviso.

TU-HU - E avisa que eu vou me comportar...

MÃE JOANA - Aviso...

TU-HU - E que eu vou sentir saudade...

MÃE JOANA - Aviso...

TU-HU - E que eu vou trazer presente...

MÃE JOANA - Aviso...

TU-HU - E que...

MÃE JOANA (cansada) - Ave Maria, que recado mais comprido é esse? Haja língua para cantar tanto lembrete e para lamber tanto selo!

TU-HU - É que eu quero que ela saiba que...

MÃE JOANA - Não se preocupe não, que mãe sempre sabe das coisas, viu! Quando vocês vêm com a farinha, nosso bolo já está todo confeitado! E agora, meu bem, se avie. Eu tenho ainda um bocado de lençol para bater em pedra de ribeirão, e você tem muita sola de sapato que gastar até encontrar o que procura.

TU-HU - Então, até outra hora, mãe Joana. E obrigado!

MÃE JOANA - Até a vista, meu reizinho. E lembre sempre de guardar bem na cabeça as coisas que vê, e no coração tudo aquilo que ouve. Siga com minha benção! Pode seguir.

(Enquanto Tu-Hu de afasta, ela começa a cantar)

MÃE JOANA - Pode seguir por aí, moleque,
que o teu pisar parece batuque.
Que o teu pesar não pese no breque.
Que teu pousar nunca te machuque!
Pode seguir, vai caminhar!
Como no céu Passarim
ou barquim
no mar.

(O acompanhamento musical prossegue enquanto Mãe Joana deixa a cena, e novamente se reconfigura o espaço cênico a fim de acomodar um novo espaço ficcional. Abrem-se duas janelas, e nelas vemos os "Chorões" Ernesto e Catullo, que cantam a última parte da canção iniciada por Mãe Joana).

CENA 4

(A iluminação recorta o espaço apenas no ponto em que duas janelas estão abertas e acesas. Em cada uma delas um dos bonecos: Catullo e Ernesto, que cantam com voz embargada).

CATULLO - Pode seguir por aí, menino,
e beijar os olhos do teu destino.

ERNESTO - Pode seguir por aí, rapaz.
Que o mundo é grande, e você é mais!

CATULLO e ERNESTO (CHORÕES) - Pode seguir por aí...

Pode seguir por aí...

Pode seguir por aí... guri!

Dentre outros pequenos ilustres

(Tu-hu segue caminhando e vai se aproximando das duas figuras nas janelas, que choram, tentando se consolar mutuamente).

ERNESTO - Ai, não fica assim! Isso tudo que você está sentindo vai passar...

CATULLO - Ai, eu sei... Mas quando passar essa coisa, vai vir outra coisa... e essa outra coisa...

ERNESTO - Ai eu sei...

OS DOIS - Dá vontade de chorar!

(Eles então choram ainda mais alto, com direito a suspiros e soluços. Tu-hu se aproxima e pergunta)

TU-HU - Com licença. Está tudo bem com vocês?

CATULLO - Ai, não!

ERNESTO - Ai, sim!

TU-HU (mais confuso com a situação) - Posso saber por que é que estão chorando?

CATULLO - Ai, eu choro de tristeza porque não tenho alegria!

ERNESTO - Ai, eu choro de alegria porque não tenho tristeza!

TU-HU (ainda mais confuso) - Será que eu não posso ajudar em nada? Me digam o motivo. Qual a razão para chorar?

CATULLO e ERNESTO - Ai, a gente esqueceu! *(Voltam a chorar).*

TU-HU - Mas então... mas então, mas então, mas então... Não precisam mais chorar!!!

(CATULLO e ERNESTO levam um susto e param de chorar horrorizados)

CATULLO - Ai, como é que você tem coragem de dizer uma barbaridade dessas?

ERNESTO - Chega a dar vontade de chorar!

CATULLO - E lá é preciso motivos pra chorar, criança?

ERNESTO - Ai, a vida é tão cheia de beleza, de tristeza, alegria... Perigo, paixão...

CATULLO - Confusão, alumbramento... É tudo tão intenso, tão imenso. Isso não é motivo para chorar?

ERNESTO - Ai, achei tão bonita essa frase, cheguei a me emocionar.

TU-HU - Sim... acho que sim. Eu nunca tinha pensado nisso. Eu só choro quando apronto e meu pai me põe de castigo debaixo da mesa.

ERNESTO - Ai, eu acho um bom motivo! Se meu pai me castigasse assim, eu passaria três dias chorando!

CATULLO - Chora também, criança. Chorar faz bem! Essa vida é curta para tanto tipo de choro.

ERNESTO - Choro de bebê, de sono, de fome, choro de varanda, choro manso, acelerado.

CATULLO - Ai, mas o mais bonito é o chorinho. Quer ouvir?

TU-HU - Pode chorar!

(Começa a tocar um chorinho instrumental, enquanto os atores coreografam o movimento dos bonecos como numa dança, ao fim da qual, Tu-Hu diz:)

TU-HU - Acho que essa é a música mais linda que eu já ouvi!

ERNESTO - Ah... Não fala assim que eu choro!

TU-HU - Me deu ainda mais vontade de encontrar todas as outras músicas que a mãe Joana disse que existem por aí.

ERNESTO - Que história de mãe Joana é essa?

TU-HU - A mãe Joana é uma senhora muito...

CATULLO (*parecendo desesperado*) - Não! Não! Não nos conte, por favor, não nos conte... Se for uma história triste, nós não resistiremos.

Dentre outros pequenos ilustres

TU-HU - Mas é uma história alegre.

ERNESTO - Assim será pior!

TU-HU - Então é melhor não contar, e seguir a minha viagem! Mas, nunca vou esquecer da música linda que me mostraram, meus amigos... Olha só, não sei os nomes de vocês!

ERNESTO - Eu sou Ernesto!

CATULLO - E eu sou o Catullo!

OS DOIS - Mas todo mundo chama a gente de "os chorões". *(Se olham e choram).*

TU-HU - Muito prazer. A partir de hoje podem me chamar de chorão também! Até logo, meus amigos... Vou indo.

CATULLO - Até mais, chorãozinho!!

ERNESTO - Ai, ai, ai, ele vai embora! Já estou com saudade. E a saudade de uma amizade merece o quê?

CATULLO - Merece choro!

(O chorinho volta a tocar, e eles vão se recolhendo em sua dança chorosa, até todo o palco escurecer).

CENA 5

(Já não há mais nada no palco que remeta ao último espaço ficcional proposto, mas ainda não se construiu um novo espaço, Tu-hu caminha sozinho, devagar, iluminado por uma luz fraca e bem recortada que o acompanha. Talvez uma lanterna. Parece estar com medo).

TU-HU - Por que é que escureceu tão cedo assim? Eu mal comecei a viagem! Papai deve estar tiririca comigo. E a tia Zizinha, a mamãe, todo mundo! E... *(Ouve um barulho)* Quem está aí?

(Do breu, vem a voz da Caipira Pirapora, que para assustar o menino carrega a fala de um tom sombrio e spectral).

CAIPIRA PIRAPORA - É o largato do mato mandano mandinga nos gango caipora!

(A Caipira Pirapora acende uma luz que ilumina o espaço. Vê-se que a cena se passa dentro da mata. E no meio dela, essa nova personagem que, ainda rindo do susto do outro, se apresenta).

CAIPIRA PIRAPORA - Permita que eu se apresento: Eu se chamo Pirapora.

TU-HU - Prazer! Eu sou Tu-hu. Mas, não se diz eu "se" chamo, o certo é eu "me" chamo.

CAIPIRA PIRAPORA (zangada) - O certo daqui não é o certo di lá, i cada um bota as palavra cumo a boca qué botá!

TU-HU - Isso lá é verdade.

CAIPIRA PIRAPORA - I cada um bota um musquitinho de diferença no puxar dos beição, no enrolão das língua. Quanu nóis vê, é duma gostosura conversá tudo diferente, cum tudu mundo si intendenu.

TU-HU - Verdade de novo. A senhora é muito sabida, dona Pirapora.

CAIPIRA PIRAPORA - Gradicida! Mas, oquêqui um molecote do seu tamanho faz se pondo nu mato essas hora? Veio tirá água do jueio?

TU-HU - É que estou no meio de uma viagem e... e ... acho que me perdi.

CAIPIRA PIRAPORA - Viage! E qualéra o prumo du teus vento? *(pausa esperando a resposta, mas Tu-Hu não entendeu a pergunta)* Os norte da tuas agúia? *(ainda não entende)* O horizonte do teus passo? *(não entende)* Prondéquiéquiéqui ocê ia?

TU-HU - Eu não sei!

CAIPIRA PIRAPORA - Será o pé da caturrita! Cumé qui ocê si põe na istrada sem nem sabe prondéqui ocê tá inu?

TU-HU - Eu estou buscando uma coisa...

Dentre outros pequenos ilustres

CAIPIRA PIRAPORA - Isso tudu mundo tá.

TU-HU - Eu quero ouvir todas as músicas que existem, para depois...

CAIPIRA PIRAPORA - Mas isso é sirviço puxado. Nós... Vai levar mai tempo que dibuiá fubá im mio recém-prantado.

TU-HU - A demora não importa. Enquanto a gente viver, ainda vai poder realizar de um tudo, não é mesmo? O único problema é que eu estou perdido.

CAIPIRA PIRAPORA - Pirdido uma pitomba... Puis foi no oco do teu pirdimento que ocê se achô!

TU-HU - Não entendi nada.

CAIPIRA PIRAPORA - Puis ocê si chegô-se pertinhu da estrada di ferro do trem do sertão.

TU-HU - E daí? O que é que o trem tem a ver com meu plano?

CAIPIRA PIRAPORA - Antão ocê num sabi qui o trem do sertão rasga as terra toda do país? Qui quem andá nesse trem, se ispichá bem us urvido consegue urvi tudo que é música qui tem! Essas terra são um grande quintar de música. Acho que aqui tem tanto Passarim, que até as preda garro gosto ne cantá. Ispia só!

(Ao longo da próxima fala, começamos a ouvir o barulho dos pássaros que são evocados pela Caipira Pirapora em seu canto)

CAIPIRA PIRAPORA - I chame sabiá, macuco, asa branca, anú.

Chame Codorna mineira, marreca caneleira, jacutinga e jacú.

Mutum de fava, azulona, garça-roxa, inhambú.

Chame-chame o quero-quero o assum preto e uirapurú

(Começa uma revoada de pássaros e ouve-se um crescente barulho de trem acompanhado de um apito que parece se aproximar)

CAIPIRA PIRAPORA - Óia, é os pássaro trazeno teu trem. Coisa gostosa, coisa boa! Ocê vá, e conheça tudas coisa que qué conhecê, e se alembre qui quanu a gente acha que tá pirdido... ah, mais é ali que o passeio fica bão!

TU-HU - Muito obrigado Dona Pirapora. Mas agora... a senhora não acha que o trem está vindo muito rápido? Ele não vai parar não?

CAIPIRA PIRAPORA - As veis pára, as veis num pára... Mas, ele passanu, ocê se apinche... *(vendo que o outro não entendeu)* Se moque... *(ainda não entendeu, ela fica mais agoniada)* Se aprume... *(O barulho aumentou e o trem parece estar muito perto. A Caipira Pirapora está quase gritando para que Tu-Hu obedeça)* Ocê pule lá pra drento!

(Tu-Hu pula. A luz recorta o espaço e, acompanhado do ralar do barulho do trem, o movimento do menino fica em câmera lenta. A luz vai diminuindo até o black-out total).

CENA 6

(No Black-out surge um ponto de luz, que ilumina o comissário de bordo do trem em que Tu-Hu acaba de entrar. Ele é, naturalmente, um pássaro. O comissário Tico-Tico).

COMISSÁRIO TICO-TICO - Desejamos as boas-vindas. Os procedimentos de segurança estão na cartilha à sua frente e, pelo amor de Deus, ninguém com cabeça, braço ou asa pra fora. OK? Eu sou o comissário Tico-Tico e, antes que alguém venha com alguma piada... não, eu não gosto de fubá! Estamos saindo da estação zero, redonda como o luar do sertão. Depois, passaremos pela Estação Primeira, a casa do samba. Na estação número "dois pra cá, dois pra lá" você pode fazer escalas para o bolero, marchas, e/ou bossa-nova. Em seguida a estação três, conhecida como plataforma da valsinha. A quarta parada,

além de fandango, forró, maxixe e xaxado, é a única que tem banheiro, é bom aproveitar... A de número cinco...

(A voz vai abaixando com a luz, e vemos o trem em movimento numa sombra projetada ao fundo. Sobe acompanhamento musical que repete uma mesma melodia em vários ritmos musicais brasileiros. Quando sai da sombra, o trem com o boneco de Tu-Hu passeia pelo corredor da plateia. Por fim, volta para a sombra e a luz faz o movimento inverso, voltando para o foco que ilumina apenas o comissário).

COMISSÁRIO TICO-TICO - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Chegamos à última estação. A fronteira das nossas terras, o muro do nosso quintal. Recolham seus pertences e até a próxima viagem. Obrigado por escolher o trem do sertão.

CENA 7

(A luz se abre novamente com a saída do comissário, e Tu-Hu já está fora do trem, em um canto do palco. Está de frente para o muro do quintal, a fronteira que divide as terras do seu quintal e o resto do mundo. No canto oposto do palco, está o boneco de Turru, o outro menino).

TU-HU - Fronteira das terras? Muro do quintal? Foi isso que o passarinho falou? Pra onde é que eu vou agora? Estou cada vez mais longe, e me sinto cada vez mais perto! Eu já vi tanta gente, tanta dança, tanta música passeando com o trem... Será que tem mais coisa pra conhecer?

TURRU (fala com sotaque estranho, difícil de identificar) - Muitas e muitas coisas. Cada quintal tem uma infinidade de sons novos. Eu sei disso porque já passei por vários – Polônia, França, Estados Unidos – mas nunca conheci um tão bonito quanto o seu.

TU-HU - Que legal! (*Eles vão se aproximando um do outro, e quando chegam perto, ele pergunta:*) Qual o seu nome?

TURRU - Meu nome é Turru. Prazer!

TU-HU (irritadíssimo) - Prazer uma ova, seu ladrão de nome dos outros! O meu nome é que é Tu-Hu!

TURRU - Mas o meu também. Na verdade meu nome é Arthur Rubinstein, só que é muito comprido. Então misturando o "Tu" de Arthur e o "Ru" de Rubinstein... Ficou Turru.

TU-HU (ainda chateado) - Que coincidência!

TURRU - Muita! (*Pausa. Tentando quebrar o gelo*) Mas, até que acho bom ter outro Tu-Hu em viagem. Aliás, pra onde é que você vai?

TU-HU - Por aí! Estou estudando, registrando no meu "guia prático" todos os sons que encontro. É que eu quero ser um compositor!

TURRU - Coincidência das coincidências! Eu também estou viajando por isso. Eu quero ser músico. Eu toco piano.

TU-HU - Que sensacional! E você conhece muitas, muitas, muitas músicas?

TURRU - Muitas, muitas, muitas. E você?

TU-HU - Só muitas, muitas (*pausa*). Você podia me ensinar as músi...

TURRU - Claro! E você podia em troca, ensin...

TU-HU - É lógico que sim.

TURRU - Então vem comigo pro outro lado do muro. Eu posso te apresentar meus mestres.

TU-HU - Mestres?

TURRU - É! Seria muito divertido ter companhia para minhas lições. Às vezes é preciso estudar tanto. A gente cansa. Poderíamos conhecer novas cidades, e quando você escrever suas músicas eu faço grandes concertos com elas.

TU-HU - Isso seria formidável, mas eu... eu nunca saí daqui. Eu nunca nem espiei o outro lado do muro. Eu...

TURRU - Você tem medo?

TU-HU (disfarçando) - Não!

Dentre outros pequenos ilustres

TURRU - Tudo bem, o medo é uma coisa boa, às vezes.

TU-HU - Eu já disse que não estou com medo!

TURRU - Toda vez que eu sinto medo, é como se eu estivesse atrás de uma porta grande, pesada. Eu estou com a mão no trinco, mas não sei o que me espera do outro lado. Um leve movimento meu pode abrir a porta, e eu posso encontrar coisas horripilantes.

TU-HU (assustado) - Então não abre!

TURRU - Mas, e se do outro lado tiver uma mesa repleta dos doces mais gostosos, que só a tia Gertrude sabe fazer?

TU-HU - E se tiver um covil de cobras asquerosas?

TURRU - E se tiver do outro lado um grande circo com palhaço, trapezista, mágico?

TU-HU - E, se tiver um calabouço escuro?

TURRU - Um bolo de aniversário!

TU-HU - Uma masmorra...

TURRU - Papai me esperando pra brincar...

TU-HU - Uma trincheira de guerra.

TURRU - Ou uma guerra de travesseiros.

TU-HU - Do outro lado pode ter de tudo!

TURRU - E se não tiver nada?

(Os dois param e olham-se perplexos com as possibilidades do mundo).

TU-HU: O nada é apavorante!

TURRU - O nada é inexplicável!

(Se olham novamente. Turru quer dar ânimo a Tu-Hu)

TURRU - É só girar a maçaneta e abrir a porta. Vamos?

(Eles vão, e uma música costura, mais uma vez, a transição entre cenas. Vai subindo um solo de piano. Quando uma empanada do cenário se vira e vemos nela um piano. Nele, Bee-tho está tocando, inaugurando a cena seguinte).

CENA 8

(Beetho está sobre seu piano entretido com uma composição. Tu-hu vai se chegando, meio sem graça, meio desconfortável, e se dirige ao mestre):

TU-HU - Olá. Com licença! *(o outro não se mexe)* Muito prazer, me chamo Tu-Hu, e sou amigo do outro Turru, seu aluno. *(pausa, esperando reação, mas o outro, nada)* Foi ele que me recomendou... Eu... Eu quero ser um músico e gostaria... O senhor poderia ao menos olhar pra mim? *(nada)* Acho que ele não sabe falar português e fica com vergonha. É isso! Por isso finge não ouvir! *(tentando)* Pardon! Je ma pèlle Tu-Hu. Je suis brésilien... Je... Je... Gente, eu não sei falar essa língua não. E esse sujeito, ou está dormindo acordado, ou é um grande mal educado de nem ao menos olhar na minha cara!

BACH *(entrando do fundo. Ele fala com sotaque alemão)* - Nem uma coisa, nem outra

TU-HU - Então, por que é que ele me deixou aqui falando sozinho?

BACH - Porque ele está muito concentrado na sua música... E também porque ele é surdo! Não lhe parecem boas razões?

TU-HU - Ai, desculpa... Que mancada! Eu achei que ele só não entendia minha língua.

BACH - Nem ele a sua, e nem você a dele. O que é uma pena, pois ele poderia te ensinar os maiores truques, e te contar piadas sensacionais também. Ele é um barato!

(Pausa. Percebe que o menino é um intruso e passa a tratá-lo como tal)

BACH - E você? Quem é? O que quer? Como entrou? Quem deixou? Sua Idade? Referências? Antecedentes? Passaporte? Visto? Metrônomo? Fórmula de compasso? Estado civil? Signo? Quantos dedos vê aqui?

TU-HU - Qual pergunta é pra responder primeiro?

BACH - Não é capaz de responder todas?

TU-HU - Na ordem?

BACH - Na ordem alfabética, preferencialmente.

TU-HU - Ixe, não sei!

BACH - Também não sei!

TU-HU - Não sabe o quê?

BACH - Se vou te aceitar como meu aluno!

TU-HU - Então o mestre é o senhor. Eu achei que era ele ali, ó! (*Aponta Beetho*).

BACH - Não diga mais bobagens, esse menino! Pelo visto não sabe nada desse mundo! Quer receber aulas e não sabe nem quem é o professor?

TU-HU - Justamente!

BACH - Justamente o que?

TU-HU - Justamente para aprender é que eu procuro um mestre, se já soubesse o professor aqui seria eu, e não um de vocês!

BACH - Hummmm, que petulante! Gostei! Um ponto para você. Qual o seu nome?

TU-HU - Tu-hu.

BACH - Mais um! Não gosto desses nomes que são modinha!

TU-HU - E o seu nome, qual é?

BACH - Mas que cara de pau. Não nos conhece mesmo? Eu sou o grande compositor e maestro Johan Sebastian Bach, e este tocando é o Beetho. (*Põe a mão no ombro de Beetho. Finalmente desperto de sua concentração na música, Beetho volta-se e acena para Tu-Hu*).

TU-HU - Beetho? Ele não tem cara de Beetho.

BACH - Beetho é apelido. O nome é Ludwig van Beethoven.

TU-HU (debochando) - Que nome esquisito! (*dá risada*).

BACH - Não faça piadas. Ele lê lábios perfeitamente, e é muito vingativo!

(Beetho faz sinal para Tu-Hu, e sai de cena bravo)

TU-HU - Mas então, senhor Bach... Eu gostaria de saber: Desde quando ensina música? Quem são seus melhores alunos? Suas opiniões políticas? Cor preferida? o nome de solteira da sua avó materna? Sua idade?

BACH - Mas que audácia! Jamais se pergunta a idade de uma pessoa. Para que?

TU-HU - Não sei...

BACH - Não sabe?

TU-HU - Não sei se vou aceitá-lo como professor.

BACH - Abusado. Eu é que ainda tenho que decidir se te aceito como aluno.

TU-HU - E aposto que vai aceitar agora que eu mostrei que aprendo rapidinho.

BACH - Espertinho! Que seja. Então, começaremos amanhã bem cedo as nossas lições. Você aprenderá solfejos, arpejos, traquejos e manejos. Escalas como escadas da harmonia. Melodias milenares de lugares nunca idos. Você vai tirar de ouvidos qualquer canção, aguçando as mãos, pés, quadris e instintos; e ampliando a tua percepção. No que depender de nossa influência, você será um grande músico, brasileiro!

TU-HU - Então, amanhã começamos mais essa viagem!

(Black-out).

CENA 9

(Barulho de muitas pessoas. A configuração de cenário e o movimento da luz são os mesmos da primeira cena. No centro dela, está outra vez o Homem do Realejo. Agora, podemos chamá-lo temporariamente de Homem SEM Realejo. Está no centro da cena, visivelmente mal-humorado, com uma cesta de xaropes. Tu-Hu atravessa a cena como quem procura por alguém, até esbarrar no homem).

HOMEM SEM REALEJO - Compre já o seu xarope e ganhe o segundo frasco grátis! É docinho e fortifica, reanima e re-hidrata...

TU-HU (*encarando o homem*) - É você?

HOMEM SEM REALEJO - Não sou eu não, é você. É você que vai comprar uma caixa de xarope agora, pra eu poder ir logo pra casa...

TU-HU - Você não me reconhece, mas eu lembro de você: o Homem do Realejo.

HOMEM SEM REALEJO - Espera lá. (*Retira do bolso um par de óculos e os veste*) Você... Tu-hu? O menino Tu-Hu, é você mesmo? Quanto tempo... Como você cresceu. Menino, eu achava que nunca mais ia te ver na vida.

TU-HU - Como foi que não adivinhou que eu viria? Cadê tuas adivinhações?

HOMEM SEM REALEJO - Desapareceram.

TU-HU - Mas, e o teu realejo, onde está?

HOMEM SEM REALEJO - Vendi!

TU-HU - Aquele teu sorriso?

HOMEM SEM REALEJO - Murchou!

TU-HU - E tuas rimas? Cadê?

HOMEM SEM REALEJO - Se escafederam! O mundo foi me amargando, e eu me deixando amargar... E toda poesia que eu tinha foi-se embora. A única coisa doce que eu trago agora na mão é esse xarope ruim que ninguém compra.

TU-HU - Como foi que isso aconteceu?

HOMEM SEM REALEJO - Acho que é o tempo, Tu-Hu... É o planeta... É a chatice... Acontece com todo mundo.

TU-HU - Com todo mundo não! Aliás, não devia acontecer com ninguém isso de ir perdendo a cor, a leveza, a poesia. Sem isso tudo, a gente morre.

HOMEM SEM REALEJO - Mas, para essas coisas não se tem remédio (*bebe, distraído um gole de xarope*) Ai, que coisa ruim!

TU-HU - Para tudo tem de haver remédio nessa vida... E eu acho que sei qual é o seu.

HOMEM SEM REALEJO - Como?

TU-HU - Se eu soubesse de uma coisa assim incrível, que pudesse recuperar seu gosto pelo que é bonito...

HOMEM SEM REALEJO - Tem jeito não, meu amigo. Eu “encinzei”!

TU-HU - Você se lembra qual era o meu maior desejo?

HOMEM SEM REALEJO - Lembro demais. Era ser músico, e compor ‘a música mais bonita que já existiu’...

TU-HU - Justamente. Pois eu acabei descobrindo que não posso realizar o meu desejo.

HOMEM SEM REALEJO - E é assim que você quer me animar? Dizendo que você não realizou o seu sonho?

TU-HU - A questão é que eu não vou compor a música mais bonita do mundo, porque ela já existe dentro de mim!

HOMEM SEM REALEJO - Que história é essa?

TU-HU - Eu descobri nessa viagem que por cada lugar onde passei, cada pessoa que conheci, cada imagem, cada som, cada cheiro foi construindo uma sinfonia aqui por dentro. E quando eu fecho os olhos assim no silêncio... Eu posso escutar!

HOMEM SEM REALEJO - Que besteirada!

TU-HU - Tenta! Tenta ouvir essa música junto comigo. Fecha os olhos, vai!

HOMEM SEM REALEJO - Menino, olha lá. Não brinque com a minha cara, nem caçoe com coisa séria! Vou confiar.

(O Homem fecha os olhos, e Tu-Hu começa a narrar sua viagem. Ao longo da narração, todos os outros personagens aparecem rapidamente atravessando o cenário, ao som de uma sinfonia).

TU-HU - Quando eu me concentro bem, eu ouço o meu coração bater. Ele me lembra tambores ancestrais indígenas, tão lindos! E a minha respiração. Minha respiração é o vento minuano, a gaita de fole, assovio... é o canto do Uirapurú que me mostrou a Pirapora! Se dou um passo, ele reverbera pelo

chão. Os pés marcam o tempo e o contra, imitam as mãos de Beetho em batidas bachianas, em salada russa com dança flamenca. Meus dedos-castanholas estalam ao tocar lembrando gotas d'água, lágrimas de chorões escorrendo sobre os lençóis que mãe Joana bate nas pedras do rio, de Janeiro a Janeiro no rio-mar. Eu ouço tudo! Eu ouço o meu mundo cantar dentro de mim.

HOMEM DO REALEJO - Nesse viajar danado,
você aprendeu um bocado
de feitiço e bruxaria.

Juro que nunca vi disso.

Ninguém tocava, ninguém cantava
mas toda música eu ouvia!

TU-HU - Vejo que suas rimas estão voltando!

HOMEM DO REALEJO - É que o relato das tuas andanças
me estufou o peito de esperanças
de abrir meu sorriso outra vez.

E que sejam as mais bem-vindas,
minhas pobres rimas lindas...

Que saudade de vocês!

TU-HU - Pois aposto que em breve vai reencontrar o sorriso, as premonições e o realejo...

HOMEM DO REALEJO - Meu realejo, que saudade do meu realejo.

Já é hora!

Eu desejo por pra fora toda música que mora
em mim.

Assim,

encontro um encanto diferente
em cada canto do meu corpo em extensão.

Me divido,

um pedacinho meu morando em cada ouvido,
para que um só se torne multidão!

TU-HU - Preparado?

HOMEM DO REALEJO - Preparado, ansiado,
animado, e doido de vontade
de me reencontrar comigo.
Agradeço de verdade, sua bondade e sua bravura
pra me resgatar da chatura,
meu amigo!

TU-HU - Deixe de bobagem e trate de se concentrar.
A música é uma viagem,
uma busca por muitas paisagens.
Basta sentir.
E escutar.

(Começa a tocar o acompanhamento musical do início do espetáculo. A Música do "Homem do Realejo").

HOMEM DO REALEJO - Está ouvindo, Tu-Hu?

TU-HU - Estou!

HOMEM DO REALEJO (feliz e emocionado) - É a minha
música! É a minha música!

(A música vai subindo enquanto a luz da cena vai descendo. Com todo o palco escuro, vemos novamente uma sombra projetada, mas desta vez não é um trem. É uma pipa, ou papagaio, ou arraia... Como aquelas que tanto fascinavam o mestre Heitor Villa-Lobos. Aqui, ela é a música do Homem do Realejo, que graças a Tu-Hu, continua voando por aí!!!)

FIM.

Dentre outros pequenos ilustres

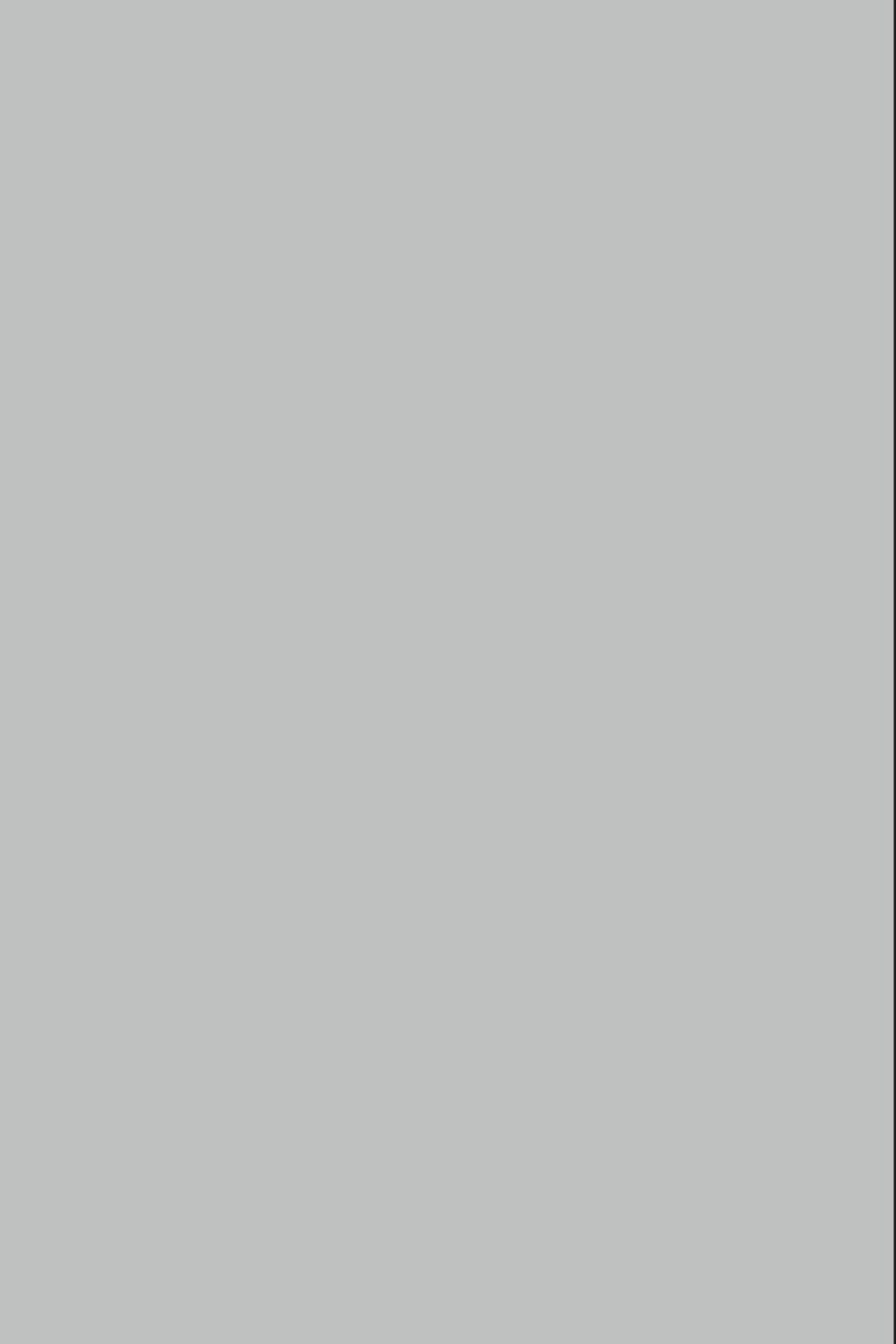


*Espectáculo A Busca de Tu-hu - ThHu e Bach
Foto: Matias Dalla Stela*

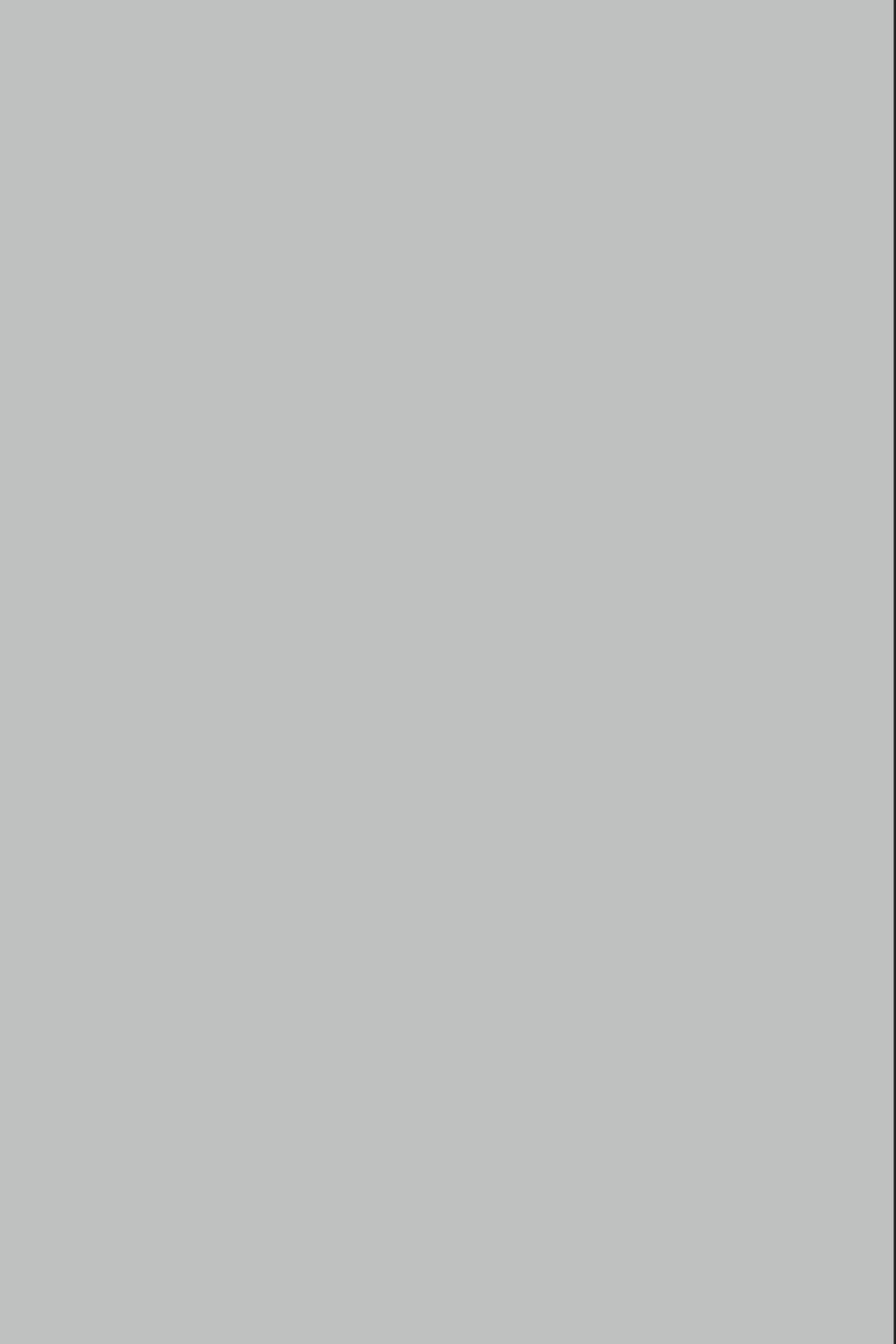
Ali Freyer



*A busca de Tu-Hu - Personagem Betho
Foto: Matias Dalla Stela*



**O QUE É QUE A
MARIA TEM?**



Ali Freyer

A PEÇA

A montagem original deste texto foi realizada pela Cia. Analgésica, e estreou em 01 de julho de 2017, no Teatro Dr. Botica, Curitiba - PR, apresentando a seguinte ficha técnica:

Texto e Direção: Ali Freyer

Elenco: Janaína Micheluzzi, Juliane Souto, Lígia Quirino e Rodrigo Hayalla

Iluminação e operação de luz: Erica Mityko

Trilha Sonora: Renan D'Ávila

Supervisão confecção de bonecos: Tádica Veiga

Cenotécnico: Sergio Richter

Produção: Cia Analgesica

Realização: Enxame Cultural/ Pinguim Produções

A PROTAGONISTA

Se a gente perguntar por Maria do Carmo Miranda da Cunha, pouca gente vai saber de quem se está falando. Mas se o assunto for Carmen Miranda, não há quem não conheça. Pois a cantora e atriz que chamou a atenção do mundo todo na primeira metade do século XX chamava-se, na verdade Maria e, pelo que contam aqueles que escreveram livros e fizeram filmes sobre ela, foi desde muito cedo uma “pequena notável” cheia de energia, e personalidade forte.

A peça a seguir se passa toda no carnaval, época do ano preferida de Carmen, e se inspira em muitas anedotas, fatos e relatos da vida da artista para inventar uma nova história, de uma nova Maria: uma menina que deseja mais liberdade e leveza para si e para todo mundo; e que ao ouvir os adultos, incomodados

com seu forte gênio, perguntando “O que é que a Maria tem?”, começa a formular questões sobre si mesma numa busca de descobrir-se, de entender-se cada vez mais. Uma tarefa difícil que a leva para muitos lugares, e amigos, e mais questionamentos... Enquanto nós (leitores do texto, ou público da peça) vamos junto na aventura para conhecer um pouquinho mais de Carmen, de Maria... e (por que não) de nós mesmos.

PERSONAGENS

MARIA: Boneca representando uma criança. Apresentar traços que lembram Carmen Miranda.

TIO, VIZINHA e FREIRA: personagens da infância de Carmen, representadas pelos atores-manipuladores na primeira cena, em uma espécie de “contação de histórias” que reinventa anedotas reais da biografia da cantora e dispara a pergunta mote da dramaturgia.

AURORA e OSCAR: bonecos de crianças, do mesmo formato e tipo de manipulação que a boneca “Maria”. São os irmãos de Maria, e levam o nome de dois dos irmãos de Carmen. Eles vêm vestidos com fantasias de carnaval.

CIGANA: a indumentária pode aproximá-la do imaginário da “Carmen” de Bizet, personagem em função da qual Maria ganhou como apelido de um tio o nome que a imortalizou. Essa cigana também faz referência a outra cigana que um dia leu a mão de Carmen Miranda e vaticinou que ela teria uma vida muito intensa e breve.

AULOYSIO: boneco ou ator vestido de cachorro, carregando instrumento musical. É o líder do “bando da lua” e o mais fiel companheiro de Maria. Uma homenagem ao músico

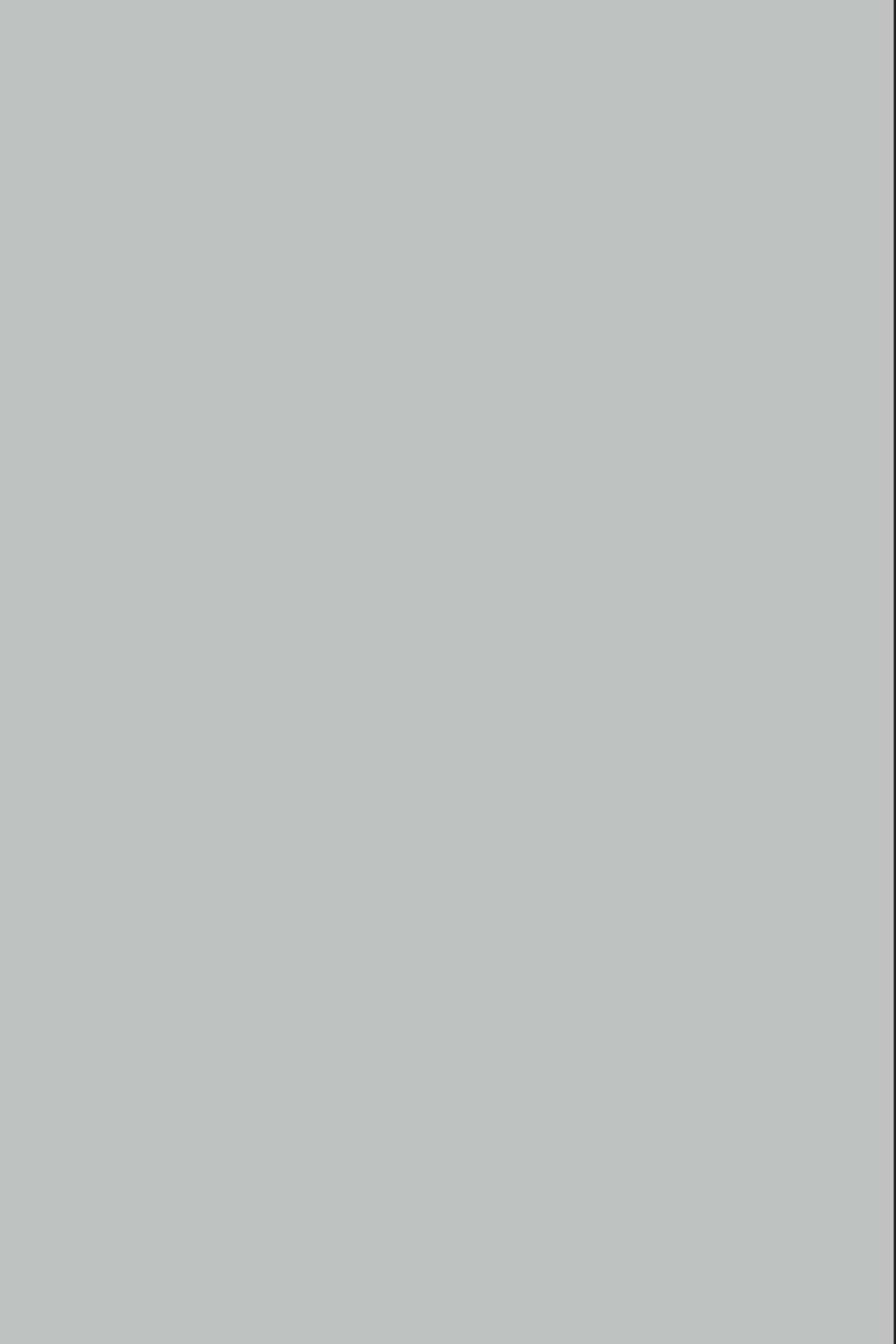
e produtor musical Aloysio de Oliveira que fez parte de muitos momentos da trajetória da artista.

BANDO: Bonecos de cachorros usando chapéus e carregando instrumentos musicais. São o “bando da lua” que sempre acompanhou Carmen Miranda.

PEIXE-POETA e PEIXE-POETINHA: Bonecos de peixes, com feições inspiradas em Dorival Caymmi e Vinícius de Moraes. Sua cena representa a amizade de Carmen com os compositores brasileiros. Todas as réplicas ditas pelos dois personagens são citações de versos de obras de Caymmi e Vinícius, respectivamente.

ALMIRANTE TICO-TICO: Boneco de pássaro com chapéu de almirante, faz referência ao radialista Almirante, um dos grandes nomes da era de ouro do rádio, de grande importância no momento de ingresso da cantora neste que era o principal meio de comunicação e difusão cultural da época.

CANTORAS DO RÁDIO: Bonecas em formatos de frutas humanizadas, com traços semelhantes às grandes damas da música brasileira citadas: “Mexeriquinha” Gonzaga, Nara “Melão”, “Banana” Caymmi, Emilinha “Abóbora”, “Melancia” Bethânia, “Daúva” de Oliveira, Marília Pêra e “Abacaxi” de Almeida. Integram a última cena numa menção ao legado de Carmen à cultura musical do país, à importância ímpar das intérpretes no nosso cancionário e ao “Chapéu Tutti-Frutti” de Carmen.



A PEÇA

CENA 1

(Maria está em cena sozinha, vai até o rádio e o liga. Muda de estação diversas vezes. Ouve algumas músicas distintas até sintonizar no acorde inicial da canção que cantarão as três personagens que entram: os três adultos).

TIO - Quem foi que buliu no meu rádio?

VIZINHA - Quem foi que botou pra tocar?

FREIRA - Quem foi que comeu o pudim
que eu guardei pra comer só depois do jantar?

TODOS (cantando) - Quem foi? Quem foi?

Quem foi? Quem foi?

Quem foi? Quem foi? Quem foi?

Maria !!!! (2x)

TIO - Maria

não sossega, que agonia!

Comprei-lhe, com dinheiro suado,

o brinquedo sonhado:

a boneca que tanto queria.

“Quem sabe assim se aquieta”, pensei.

Que nada!

Correu para sacada

do sobrado,

para mostrar à vizinha ao lado

sua mais nova conquista!

E a outra pequena gritando:

“Espiche a boneca pra que eu a assista”

Qual equilibrista

Maria subiu

no peitoril da balaustrada

debruçada na sacada do primeiro andar de cima!

“Acuda que ela despenca!”

Dona Olenca que passa, lastima.

Vai que Maria assusta e bambeia,

e me despenca lá de cima num monte de areia

que a queda amacia.

Choradeira...

Gritaria...

Menos mal

que nada aconteceu com Maria,

mas a boneca... Babau!

VIZINHA - Como é que pegou meus sapatos?

quebrou os meus pratos?

Que abacaxi!

Como é que faz tanta algazarra?

Como é que te amarra?

Parece o saci.

TODOS - Como é que é, como, quem é?

Como é que é quem é?

Maria! (2x)

VIZINHA - Maria,

cruz credo, mete medo!

Até bruxedo ela faz.

Penso tal,

pois eu tinha minha cabritinha

vivendo em meu quintal;

Murchinha, capenga, magrela...

Mas com o pouco leite dela,

nesse aperto apertado,

muita coisa eu fazia.

Desde que chega Maria

a cabrita dá de ser enfezada.

Chuta balde, avança, corre, foge...

E leite? Nada!

Tentavam todos, ninguém conseguia.

Tinhosa, manhosa, braba...
Não tem quem chegue perto da cabra.
Vai Maria,
com balde e banquinho,
baixinho começa uma cantoria.
E a cabra se põe qual cachorro manso,
desses que buscam o osso
e abanam o rabinho.
Quem diria!
Dois baldes cheinhos de leite, todo dia.
Basta que Maria cante uma só nota
que cabra late,
galo dá leite
e cachorro bota!

FREIRA - Por que é que ela não se aguenta?
Roubou minha polenta.
Escondeu meu aipim.
Por que é que Maria é espoleta?
Me estraga a dieta, e ainda zomba de mim?

TODOS - Por quê que o "quê" não tem porque?
Por quê que o quê?
Por quê?
Maria (2x)

FREIRA - No coral das crianças não havia de ser diferen-
te...

Maria?
Ah, isso lá não é gente!
Eu ensaiava aleluias, glórias,
cânticos sagrados...
E Maria inventando sambas, mambos, tangos, fados,
Num remelexo que era o Deus nos acuda!
Eu carrancuda
ante tanto rebolado e faniquito
Que, na verdade até deixavam
Nosso coro mais bonito,

Dentre outros pequenos ilustres

Mas que eu não poderia incentivar.
Pus Maria como solista do coro
Sem pensar no desaforo que ela iria preparar!
Na festa da padroeira
Em frente a igreja inteira
Eu peço o "Ave"
E ela canta o "Tico-tico no fubá!".

(O acompanhamento musical "resvala" numa melodia em Tico-Tico no Fubá, e volta ao normal).

TIO - Cadê o juízo?
Onde está o siso e a compostura?
Já se viu tal criatura, que não vale um vintém!?
"Será Possível?", me pergunto à esta altura,
"Será que isso tem cura?"
"O que é que a Maria tem?"

(O acompanhamento musical agora sugere o refrão de "O que é que a baiana tem?" de Dorival Caymmi. Os três personagens saem de cena cantando)

TODOS - O que é que a Maria tem?
O que é que a Maria tem?
O que é que a Maria tem?

(Sobra apenas Maria em cena. Ela deixa o canto onde ouvia as histórias contadas pelos demais e dirige-se à plateia).

MARIA - Ora veja, que amolação!
Em todo canto que se vai há um enguiço...
Alguém pra dizer "faça isso",
"Aquilo, faça não!"
"Não mexa no rádio".
"Não deite no chão",

“Não pule na cama”,
“Não coma o bombom”.

“Manga com leite mata!”
“Não engorde, não apronte, não perturbe, não pergunte”...

Coisa chata
não poder ser diferente!
Não poder descobrir o que mais me faz contente.
É tanta gente perguntando
“o que é que tem?”, “o que é que não tem?”...
Que eu mesma me pergunto: (o que é que eu tenho?)
E a resposta não vem!
Mas eu sou valente, meu bem!
Dobro a borda da banda do beco
Leio mão, vibro a vela no vento
E na cantiga que ainda não cantei
Eu descubro o saber que eu já sei!

CENA 2

(Inversão de luz. O rádio muda-se em um baú e o fundo recebe uma canção de carnaval. Entram as crianças correndo e aproximam-se de Maria ainda distraída em seus pensamentos).

AURORA - Corre Maria. Depressa mana, que o bloco vai passar.

OSCAR - Vamos logo pra fora.
É carnaval, hoje a festa não acaba
nem na hora em que acabar!
Qual sua fantasia, Aurora?

AURORA - Pensei em ser Colombina!
Quem sabe encontre um Pierrot...

Ou um Arlequim...

Ou mesmo um pirata,

um capitão de fragata,

alguém que me encante, e se encante de mim.

OSCAR (zombando) - Sabe que eu pensei numa marchinha que é a sua cara? É assim, ó:

(*canta*)

Cheia de cachos,

namoradeira,

lançando olhares para todos no salão.

Ficou por baixo,

ficou solteira.

porque ninguém veio pedir a sua mão!

AURORA - Achei sua marchinha antiquada, e de mal gosto! Assim como essa sua fantasia, que não dá pra saber de que que é...

OSCAR - Pois saiba que eu vou pular o carnaval de fantasia sobrenatural.

Com esses dois buracos no lençol

te deixo pasma,

tremendo diante de um fantasma.

Assustador, não é não?

AURORA - Assustador, você? Ouve só essa marchinha, então:

(*canta*)

Eu vejo lá, eu vejo lá,

um fantasminha que me pensa botar medo.

Mas acredite, meu camarada,

que este fantasma aí esconde um segredo.

Esta mesma assombração,

quando ontem teve um sonho pavoroso,

molhou todo o colchão

e até esse lençol,

pois ele nunca passou de um medroso.

OSCAR - Que marchinha cafona essa sua, hein...

AURORA - Muito melhor que a sua, não concorda, Maria?
(*notando a ausência da outra*) Maria?

OSCAR - Ué! Ela estava aqui agora. Cadê a Maria que tava aqui?

VOZ DE MARIA (escondida) - O gato comeu!
(*Os dois entendem a brincadeira e tentam procurar o lugar de onde vem a voz*)

AURORA - E cadê o gato?

VOZ DE MARIA (escondida) - Correu pro baú!

AURORA - Qualé baú?

VOZ DE MARIA (escondida) - O de fantasias.

OSCAR - Fazer o quê?

VOZ DE MARIA (escondida) - Plantar chuchu!

OSCAR e AURORA (bem perto do baú) - E lá dentro encontrou...

MARIA (aparecendo de dentro do baú) - Maria! (*eles riem*). Estava aqui escolhendo uma fantasia pra desfilar. Mas é tão difícil. Eu gostaria de ser tantas coisas... Por que é que carnaval é um só pro ano inteiro?

AURORA - Porque a vida não é só festa, oras.

MARIA - Pois deveria ser, oras! Por que é que só no carnaval todo mundo pode ser o que quiser?

(*cantando*)

Palhaço, juíza, capitão da marinha,
o carnaval transforma a mucama em rainha.
Odalisca, trapezista, de São Jorge a dragão,
o mundo é um confete na palma da minha mão.
Eu hoje sou *cowboy*, bombeiro e presidenta
Todo mundo pode ser aquilo que intenta!
Tanto faz se é velho ou jovem, pobre ou rico, homem,
mulher...

Todo mundo pode ser aquilo que quiser.

AURORA - Ai, essas suas ideias, Maria.

MARIA - Ainda hei de ver o mundo em festa, e muita fantasia virar realidade.

Dentre outros pequenos ilustres

AURORA - Mas enquanto isso, o tempo está correndo...

OSCAR - E o bloco está passando... Vamos logo, Maria.

Escolha de uma vez sua fantasia!

MARIA - Então vamos indo. Eu vou assim mesmo.

AURORA - Assim? Sem fantasia nenhuma?

MARIA - Pois eu vou fantasiada de Maria, oras. E na hora que bem quiser viro uma Maria diferente. A gente nunca é igual à gente mesma, e tentar parecer consigo me parece uma fantasia e tanto, não concordas, meu nêgo?

OSCAR - Eu não entendi pa-ta-vi-na!

AURORA - Nem tente entender, Maria.

Ela tem essas ideias borbulhantes

que eu já conheço de outros carnavais!

E eu vou embora.

OSCAR - Espere por mim, Aurora.

(Aurora e Oscar saem, deixando Maria sozinha)

MARIA - Taí! Gostei.

Se de novo perguntarem "O que é que a Maria tem?"

Direi:

Tem ideias borbulhantes de outros carnavais!

Está bom, ou queres mais?

CENA 3

(Inversão de luz. Volta a música de carnaval com força ao fundo. Maria dança. A melodia incidentalmente introduz a "Habanera" de Bizet. Todo o acompanhamento diminui, restando somente a ópera que traz consigo a figura da Cigana que "evolui" pela cena até encontrar a menina. As duas personagens se aproximam. Olham-se)

MARIA - Que linda fantasia de ciganinha!

CIGANA - ¡Gracias! ¡Usted también es muy hermosa!

MARIA - Ai que eu não entendi nada.

CIGANA - És porque yo soy española. Dijo que estás muy guapa, muito bonita!

MARIA - Você é cigana de verdade?

CIGANA - Sí.

MARIA - Eu achei que era fantasia...

CIGANA - Verdad y fantasía? Y dónde se escribió que la realidad y la ficción no pueden caminar juntas?

MARIA - A realidade e a fantasia caminhando juntas?

CIGANA - Escucha!

(A cigana canta)

Corren las dos por nuestras venas
como dos ríos hermanados.

Cantan en tu cuerpo, pequeña,
y se pueden leer en tus manos.

MARIA - Ler minhas mãos?

CIGANA *(ainda cantando)*

La suerte, la muerte,
la imaginación comprimida en un grano.
Un sueño pequeño de tu corazón
para leer em tus manos.

MARIA - Leia, cigana. Leia o que o destino escreveu em
minha palma.

(A cigana finaliza o número segurando a mão de Maria)

CIGANA - En el medio de su mano hay una "M".

MARIA - Um "M" de Maria.

CIGANA - A donde muchos caminos se encuentran y se
separan,

tu puedes ir donde quieras, que el mundo todo es tu casa.
Pero tus pies no retornan cuando quieres...

Tus pasos son como olas
y tú navegas en sus vagas.

Extrañarás la tierra que no pisas,
tu sonrisa calentará a todos los demás,

y el lloro en tu corazón
hará una canción
de lo que dejas atrás.

MARIA - Uma vida emocionante... Cheia de idas e voltas.

CIGANA - Mucho más idas que vueltas, si!

MARIA - Como uma ciganinha!

CIGANA - Si. Como una gitana.

MARIA - Mas, também tem tristeza no meu futuro, não tem? Você falou em choro no coração. Eu embolo as suas palavras, mas estou entendendo "muy bien"!

CIGANA - Siempre hay un poquito de tristeza para pimenterar el sabor que es más dulce. Pero voy a contarte un secreto: cuenta un sabio español que descubrió el misterio de la vida. És que la vida es un sueño.

MARIA - A vida é um sonho?

CIGANA - Sí. Y como en los sueños, hay veces en que todo parece terrible, como una pesadilla, y hay veces en que no se quiere despertar... Pero todos los sueños se acaban.

MARIA - E quando acabar o sonho da vida?

CIGANA - No te preocupes. Escucha lo que te digo y no olvides jamás!

(A cigana fala ao ouvido de Maria. Nesse momento ouve-se um soprar de vento forte. Maria flutua no hálito das palavras da cigana, e quando volta ao chão, as repete em voz alta).

MARIA - Os sonhos sempre acabam, mas os sonhadores são imortais! Obrigada por ler minha sorte, cigana. *(faz menção de ir embora).*

CIGANA - Calma. No te vayas así, sin que te pueda dar un regalito. Un presente, como dicen ustedes.

MARIA - Um presente para mim?

CIGANA - Sí. Quiero dar-te esta mantilla, tan linda, para que con ella usted dance en el viento. *(coloca a mantilha em Maria)* Mira que rica. Combina contigo, con estas colores

tropicales... Estás una verdadera cigana, como yo. Partir de ahora no te llamas Maria. Usted ahora es Carmen, ciganita! Adiós, cariño, adiós.

(Numa inversão de luz a cigana desaparece, e no foco, resta Maria com sua mantilha nova)

MARIA - O que a Maria tem
cada vez aumenta mais.

Tem histórias borbulhantes de outros carnavais,
um segredo de cigana pra não esquecer jamais
e uma mantilha galante feita em cores tropicais.
Tchauzinho cigana!

Essa mantilha é linda... Feita pra dançar no veeeeeeennn...
(ouve-se o vento forte que arrasta para longe a mantilha de Maria. Ela sai correndo atrás da mantilha) Nãããããoooo!

CENA 4

(Enquanto Maria sai de cena atrás da mantilha, pelo corredor da plateia vai entrando o cachorro vestindo chapéu de lado, é Auloysio. O cenário vai mudando, e constroi-se o "Beco do bando da lua". Por detrás dos muros aparecem os outros cachorros do Bando da Lua, cada um com um instrumento musical. Ouve-se um acompanhamento em samba, e Auloysio canta:)

AULOYSIO -
Batendo lata
o vira-lata
late e ladra.
Morde, mas
se assoprar passa.
Lambe bota o infeliz.

Chegando a noite
samba no meio da rua,
encontra o bando,
uiva pra lua,
e a moçada late "bis".

(O coro de cães repete a melodia em um arranjo vocal que termina com a dispersão do grupo, sobrando na cena apenas Auloysio).

AULOYSIO - Au, au, aumentem os ensaios que este coro anda muito desafinado, hein? Afinal - au,au, queremos cantar como gralhas ou como tangarás? Se a cantoria fosse bamba a lua apareceria no céu, mas pelo visto, deixou seu bando de banda e se escondeu. Ai, quem dera se ela aparecesse...

MARIA (*aparecendo por detrás de um dos muros*) - Ela quem? A lua?

AULOYSIO - Não. A estrela.

MARIA - Que estrela?

AULOYSIO (*distraído, sem perceber que é ela*) - A Maria.

MARIA - Pois mesmo não sendo cadente, a estrela atendeu seu pedido. Olhe pra cá, sujeito... Sou eu!

AULOYSIO - Maria. Au, au, "auté" que enfim você apareceu. Mas, já chegou de mansinho, bisbilhotando o pensamento dos outros.

MARIA - E, que culpa tenho eu, se os seus pensamentos não se seguram da boca pra dentro? Deixe de bobagens e me dê um abraço, Auloysio, que eu estou com saudades.

AULOYSIO - Se está, porque foi que abandonou o pessoal-au-au do beco?

MARIA - E eu lá sou de abandonar alguém? Pra cima de mim...?

AULOYSIO - O pessoal-au-au todo está comentando que você não é mais a mesma... Que subiu nas tamancas... Todo mundo perguntando: "O que é que a Maria tem?"

MARIA - Mas, será possível essa pergunta outra vez? Se subi nas tamancas foi pra ver o mundo mais do alto, e se me distanciei um pouquinho foi pra ver de perto o que está longe e pra ver de longe o que está perto, que coisa! Como pode alguém dizer que não sou mais a mesma, se no fundo eu estou me procurando? (*pausa. Ela muda de assunto*) Mas, diga lá: Gostou da minha mantilha nova? Ganhei de uma cigana que me contou um segredo!

AULOYSIO - Que segredo?

MARIA - Segredo secreto, mudo e sigiloso. Com trava, senha e cadeado pra cachorro curioso.

AULOYSIO - Eu, hein...

MARIA - O problema é que esta mantilha, o que tem de charmosa tem de quente. Ai que eu me derreto toda por debaixo dela.

AULOYSIO - Se o dia é de galocha, sandália não tem "pra que",

e em hora de sopa o sorvete cai mal.

casaco de lã na praia não se vê,

e sem roda de samba não se tem carnaval-au-au.

Cada uso a gente usa como quer, mas tem que descobrir como é que cabe na ordem do dia.

MARIA - Estou tendo uma ótima ideia. Você tem toda a razão. Não cabe mantilha em dia de chapéu, mas tudo nessa vida se transforma. Só preciso de um pouco de inspiração! Você me acompanha?

AULOYSIO - É pra já! Bando... Vamos lá!

(O bando da lua reaparece e começamos a ouvir o acompanhamento da canção que Maria vai cantar).

MARIA (cantando)

Faço chapéu pra laiá.

Faço chapéu pro loiô.

Quando começo a cantar,

Dentre outros pequenos ilustres

minhas mãos, a bailar, vão traçando no ar
mil formas para compor...

Com melodia os enfeites,
nas abas muitos detalhes,
intercalando falsetes,
vou construindo berloques.

A canção envolve a cachola
e o chapéu envolve também.

Se não encaixa só amola.

Se não encaixa, então não cola.

Use só o que lhe convém!

*(O bando dispersa. Maria desaparece por detrás do muro,
mas segue conversando de lá de trás com Auloysio)*

AULOYSIO - Tem tanta coisa que não cabe na cabeça
da gente...

VOZ DE MARIA - Dedal, meia, luva...

AULOYSIO - Não têm bom cabimento...

VOZ DE MARIA - Injustiça, miséria, preconceito...

AULOYSIO - Não tem nenhum cabimento!

VOZ DE MARIA - Mas esse aqui teve. Fiz um chapéu que
coube direitinho.

*(Maria reaparece com um chapéu de soldado feito com a
mantilha).*

MARIA - Que tal?

AULOYSIO - Ficou muito bem feito, mas um pouco sério,
um pouco militar demais...

MARIA - Então não quero! *(desaparece novamente).*

AULOYSIO - Quepe, boné, casquete,
cartola, coco, capacete... É tanto chapéu diferente
que deve haver algum
com o nosso ziriguidum...

Algum que combine com a gente.

(Maria retorna com um chapéu pontudo de bruxa)

MARIA - E esse?

AULOYSIO - Au-au-au-alto demais... parece uma torre de telefone, ou um poste.

MARIA - Ai, poste não! Quero algo malemolente! *(desaparece atrás do muro novamente)*

AULOYSIO - E malemolente é como?

MARIA - Malemolente é o que tem gingado. Um frenesi danado que amolece a gente.

AULOYSIO - Sei como é.

É quando as quatro patas bolem,
e a gente fica mole de contente.

(Maria reaparece com o "turbante de baiana")

MARIA - E esse?

Copiei de uma baiana da baixa do sapateiro
que levava em cima dele um tabuleiro.

Ficou faceiro? Bonito? Brejeiro?

Onde estão as suas palavras, rapaz? Vamos, comente!

AULOYSIO - Uau-au-au... Ficou malemolente.

MARIA - Então, é com esse que eu vou!

AULOYSIO - E vai pra onde. Posso saber?

MARIA - Não sei. Você me acompanha?

AULOYSIO - Não posso, tenho ensaio.

MARIA - Pois então vá ensaiar. Pra fazer tanta beleza, artista tem de trabalhar um bom bocado. Até outra hora, Auloysio.

AULOYSIO - Até... Vou atrás do bando. *(sai)*

MARIA - E eu atrás da banda.

Pra que banda, ainda não sei.

E Maria segue andando,

Dentre outros pequenos ilustres

descobrimo o que é que há:
Segredos de cigana, histórias borbulhantes,
mantilha que é turbante e amigos pra guardar.

Mas também segue preocupada.
Com tanta coisa conquistada, e com tanto vivido até aqui,
a pergunta faz outra pergunta, e com mais outra se junta:
O que é que a Maria tem?
O que é que a Maria quer?
O que é que faz pra conseguir?

(Black -out)

CENA 5

(O palco se transforma em praia. Quando a luz retorna, Maria está sentada em uma pedra, com a cabeça baixa e longos suspiros de tristeza. Os dois peixes se aproximam nadando e notam a presença da menina).

PEIXE-POETA - Eita!

PEIXE-POETINHA - Poxa!

(Maria suspira novamente. Os dois peixes se entreolham preocupados com a menina).

PEIXE-POETINHA - Poxa!

PEIXE-POETA - Eita!

(Peixe-Poetinha soluça)

PEIXE-POETINHA - Menininha, que gracinha é você.
Uma coisinha assim começando a viver...

(A menina não reage. Então Peixe-Poeta pigarreia)

PEIXE-POETA - Veja que situação, e veja como sofre um pobre coração.

(Maria suspira. Peixe-Poeta pigarreia. Peixe-poetinha soluça).

PEIXE-POETA - De onde vens assim cansada? De que dor, de que distância? De que terras? De que mar?

MARIA - Eu nadei, nadei, nadei e vim dar na praia. Pus na cabeça um monte de perguntas, e agora estou confusa como o quê! Olho pro mar e penso que queria viajar, mas sem ter que sair do lugar. Queria percorrer o mundo, sem sair de dentro de mim.

PEIXE-POETINHA - Quem de dentro de si não sai, vai...

(Peixe-Poeta pigarreia para silenciar o outro).

MARIA - Será que alguém já descobriu algum jeito de ir sem deixar de ficar? De ficar sem deixar de ir?

PEIXE-POETA - Só quem partiu pode voltar, e eu voltei para te contar os caminhos por onde andei...

PEIXE-POETINHA - Por céus e terras eu andei...

MARIA - Vocês viajam tanto assim? Mas, onde moram?

PEIXE-POETA - Vivo na beira da praia com a sorte que Deus me deu!

PEIXE-POETINHA - Na rua dos bobos, número zero.

MARIA - Queria correr, percorrer... Escorrer como água. Mas estou muito apegada, agora que descobri que Maria tem tanta coisa!

PEIXE-POETA - No balaio dessa nêga não se sabe o que é que tem.

PEIXE-POETINHA - Mas quem de dentro de si não sai, vai...

(Peixe-Poeta pigarreia para silenciar o outro. Peixe-poetinha soluça. Maria suspira).

PEIXE-POETA - Também a vida da gente é um pião sempre a rodar. Um pião que também pára quando o tempo o faz cantar.

MARIA - Ai, cantar... eu adoro. Só que agora estou muito desanimada pra isso.

PEIXE-POETINHA - Mas pra fazer um samba com beleza é preciso um bocado de tristeza.

PEIXE-POETA - E quando se canta, todo mundo bole!

PEIXE-POETINHA - Canta, canta... Esquece a tristeza.

MARIA - Pensando bem, cantar é um bom modo de estar aqui, e também acolá, né não?

PEIXE-POETA - A onda do mar leva, a onda do mar traz.

PEIXE-POETINHA - Mas é preciso que haja vento sem parar.

PEIXE-POETA - Vento que dá na vela. Vela que dá no barco.

MARIA - Pois eu canto se vocês me acompanharem. Preparados?

(Peixe-Poeta pigarreia, Peixe-Poetinha soluça, Maria suspira. Eles se olham e riem).

MARIA - E é um, e dois... E um, dois, três, quat...

(São interrompidos por uma forte buzina ou apito. Ao longo de toda a próxima sequência de falas o barulho dos barcos vai aumentando de intensidade, mostrando que os pescadores se aproximam)

MARIA - Que barulho é esse? Parece um barco chegando.

PEIXE-POETINHA (assustado) - Êêêê, tem jangada no mar...

MARIA (olhando ao longe) - Um não. Parecem vários.

PEIXE-POETINHA - Êêêê, hoje tem arrastão...

PEIXE-POETA (com medo) - Cerca o peixe, bate o remo, puxa a corda, colhe a rede, Ô canoeiro bota a rede no mar.

PEIXE-POETINHA (ainda com mais medo) - Êêêêê,
todo mundo pescar...

PEIXE-POETA - Era só jogar a rede e puxar.

PEIXE-POETINHA - Minha Santa Bárbara, me abençoa!

PEIXE-POETA - Meu senhor dos navegantes, venha me
valer!

OS DOIS PEIXES - Vai, vai, vai pra Aruanda, vai!!!

(Desaparecem num mergulho, deixando Maria na pedra).

MARIA - Vocês vão fugir pra onde?

PEIXE-POETA (reaparecendo) - Eu vou pra Maracanga-
lha! *(some)*.

MARIA - Eu vou junto. Não vou abandonar meus novos
amigos na hora do perigo.

PEIXE-POETINHA (reaparecendo) - É melhor se sofrer
junto que viver feliz sozinho. *(mergulha outra vez)*.

MARIA - Talvez seja essa a minha resposta. Pra seguir em
frente, sem deixar nada pra trás eu só preciso respirar fundo e
me atirar na maré!

(Ela mergulha também, e sai nadando atrás dos peixes).

CENA 6

*(No barco do Almirante Tico-Tico. Maria está dormindo no
chão. O Almirante Tico-Tico entra e vai até ela. Fala, com sua
voz esganiçada).*

TICO-TICO - Acho que a dorminhoca está acordan-
do. *(chama)* Ei. Ei. Ô... Psiu! *(pausa)* Nada. Será que um balde
d'água fria acorda ela, hein? Ou talvez coceguinhas na sola do
pé. *(Irritado)* Acorda! De que adianta pescar uma menina se ela
não se mexe, não fala, não faz nada? Tão sem graça.

Dentre outros pequenos ilustres

(cantarolando)

Tique-Taque - Taque-Tique.

Acorda menina que eu vou ter um chilique!

Taque -Tique - Tique -Taque

Acorda menina, senão eu vou ter um ataque!

Tique - Taque - Tuque - Toque

Acorda menina, senão eu chamo um reboque!

Tico -Tico -Tique -Taque e Tal

Acorda menina, vai acabar o carnaval!

(Maria desperta bruscamente, assustada)

MARIA - Bom dia, Aurora. Bom dia, Oscar. Bom... *(percebe onde está)* Cadê minha casa? Como é que eu vim parar num barco? Ah, claro! Os peixes... Será que eu fui pescada junto com os peixes?

TICO-TICO - Para ser mais exato, você foi pescada no lugar dos peixes.

MARIA - Então eu salvei meus amigos? Eu sou uma heroína!

TICO-TICO - Menos, beem menos. Você parece mais com uma âncora. Quando a rede embolou você, quase que o barco vira, de tão pesada que você é. Já pensou em fazer um regime?

MARIA - Que comentário horrroso! Pois saiba que me sinto ótima assim! Onde já se viu? Se metendo na minha vida... Já não basta tentar pescar meus amigos. Você não tem vergonha não, de perseguir os pobres peixes?

TICO-TICO - A mesma que você tem de comer Peru no natal! Codorna, Faisão. Meu primo Zeca virou recheio de panqueca, e tia Leonor comeram com couve-flor! Comem todo mundo que tem asa, e querem que eu me preocupe com o pessoal da barbatana?

MARIA - Nisso você tem toda razão! Mas não precisa ser grosseiro, mal-educado...

TICO-TICO - Preciso sim, porque agora que eu te pesquei, você é minha prisioneira.

MARIA (debochando) - E você é o quê? Um pirata?

TICO-TICO - É evidente que não. Eu sou um Tico-Tico, e não um pirata de perna de pau. Começamos com a pata esquerda, mas permita que eu me apresente. Eu sou o Almirante Tico-Tico, a mais alta patente do rádio!

MARIA - Do rádio? Você disse... Do rádio? Eu sou apaixonada pela rádio. Meu sonho é conhecer a rádio, as plateias, os estúdios...

TICO-TICO - Então você foi pescada pelo barco certo, pois além das ondas do mar, nós navegamos as ondas da rádio. E entramos no ar em um minuto!

MARIA - Esse barco vai pra rádio?

TICO-TICO - Com licença. Preciso fazer meu aquecimento vocal. Mi-mi-mi-mi-mi...

MARIA - A gente vai entrar ao vivo num programa de rádio?

TICO-TICO - A gente é muita gente, né? Eu vou entrar. O programa é meu! Li-li-li-li-li...

MARIA - Quer dizer que eu não posso participar do seu programa? Eu queria tanto realizar esse sonho... Você vai me barrar?

TICO-TICO - Desculpe, mas meu programa é para as estrelas, e eu tenho convidados saindo pelo ladrão. Como é que posso te convidar? Não sei nem quem você é!

MARIA - Pois meu nome é Maria, muito prazer!

TICO-TICO (encantado) - Maria? Você disse "Maria"? Você é aquela, aquela Maria...?

MARIA - Eu lá vou saber se sou essa ou aquela... Sou Maria, oras. Maria que faz chapéu, que dança no samba do bando da lua, irmã da Aurora e amiga da noite, que está aproveitando este carnaval pra descobrir o que tem, e o que quer ter afinal

TICO-TICO - Quanta honra! É você mesma! O pessoal não vai acreditar. Produção! Alguém chama o pessoal da produção que eu vou mudar o programa inteiro com essa convidada mais do que especial (*Para Maria*) Você está pronta para entrar no ar?

Dentre outros pequenos ilustres

MARIA - Mas, espera aí. Você me conhece de onde? O que é que eu vou fazer no seu programa?

TICO-TICO - Não dá mais tempo de explicar. 5...4... Já vamos entrar no ar. 3... Meu bico está borrado?

MARIA - Não!

TICO-TICO - 2...1... Já!

(Inversão de luzes. O Barco vai se transformando em estúdio de rádio, Tico-Tico e Maria se posicionam em frente a um microfone enquanto ouve-se a vinheta de abertura do Tico-Tico show, entrando na sétima e última cena).

CENA 7

(Todas as falas de Tico-Tico ao microfone aparecem com uma voz aveludada e grave de radialista, completamente diversa da voz fora do microfone, esganiçada).

TICO-TICO - Boa noite, primorosa ouvinte, galante ouvinte, ouvinte frajola! Aqui fala seu amigo Almirante, o navegante que dia após dia vem lhe desejar: Boa noite!

MARIA (para si) - Já é noite. Como o dia passou depressa, credo!

TICO-TICO - E teremos um programa mais do que especial hoje. Um programa que é um delírio, um colírio, um colosso, um alvoroço, um alvejante...

MARIA - Alvejante?

TICO-TICO (à parte, para Maria) - Não me interrompa. Estou com a veia poética atacada! *(de volta ao microfone)* Um alvejante digno de um Almirante... a sua mais alta patente do rádio! Tudo por causa dela: uma convidada que tive a honra de pescar, digo, de encontrar nesse carnaval, para abrilhantar a noite do Almirante com as rainhas do rádio. E, com vocês, nossa convidada Maria...

MARIA - Nããão! O meu pai ouviu o seu programa todos os dias, e se o seu Miranda descobrir que eu vim parar na rádio sem permissão, vai ser um “Deus nos acuda”!

TICO-TICO (fora do microfone) - E, com que nome eu devo te chamar, ora pinóias?

MARIA - A cigana me deu o nome de Carmen, o que acha? Não é bonito?

TICO-TICO (de volta ao microfone) - Com vocês nossa convidada, Carmen do Miranda!

(som de aplausos)

MARIA - Muito obrigada pelos aplausos. Que audiência mais garbosa! *(à parte, para Tico-Tico)* O que é que eu faço agora? Canto, entrevisto, represento? Conto um chiste? Assovio e chupo cana?

TICO-TICO (Para ela) - Não se preocupe que eu conduzo. *(No microfone)* Vamos entrevistar agora a nossa convidada...

(É interrompido por um burburinho alto que vem dos bastidores da rádio. São vozes e mais vozes exaltadas, eufóricas).

TICO-TICO - O que está acontecendo? Produção! está havendo uma tremenda confusão nos bastidores... As demais cantoras que vieram participar do quadro “Rainhas do rádio” estão pedindo para entrar no palco e conhecer Maria.

MARIA - Quem quer me conhecer?

TICO-TICO - Então, vamos chamar ao palco as rainhas do nosso rádio. Por favor, palmas para Daúva de Oliveira, Banana Caymmi, Nara Melão, Emilinha Abóbora, Anis Regina, Abacaxi de Almeida, Mexeriquinha Gonzaga e Melancia Bethânia!

(Entram as bonecas das cantoras, cada uma a fruta respectiva. Elas representam as frutas que compõem o Turbante de

Carmen. Entram executando em vocalizes a canção "Cantoras do rádio" de João de Barro, Alberto Ribeiro e Lamartine Babo).

MARIA - Ai que assim eu desmaio, me empacoto, empi-rulito. Sempre quis conhecer cada uma de vocês, e agora estão todas aqui de uma só vez.

NARA MELÃO - Pois nós também tínhamos muita vontade de te conhecer.

DAÚVA DE OLIVEIRA - Eu chego até a tremer de emoção.

MARIA - Mas como pode uma coisa dessas?

MEXERQUINHA GONZAGA - Ué, você não nos ouve todos os dias lá da sua casa? Nós também podemos ouvir a casa das pessoas do lado de cá!

MELANCIA BETHÂNIA - Toda noite quando termina minha apresentação eu sintonizo na sua casa para te ouvir.

DAÚVA DE OLIVEIRA - Menos na quarta-feira que é dia de feijoada. Nesse dia o seu tio solta tanto pum que não dá pra ouvir mais nada.

MARIA (rindo) - É verdade. Titio é um amor, mas não dá pra misturar com feijão!

ABACAXI DE ALMEIDA - Eu adoro sintonizar sua casa pra te ouvir cantarolar no banho quando chega da escola.

MARÍLIA PÊRA - E cantar junto com seus irmãos e irmãs antes de dormir também.

MELANCIA BETHÂNIA - Aliás, ô família afinada!

DAÚVA DE OLIVEIRA - Menos o teu tio, que não acerta uma nota.

MARIA - É verdade. Titio é um amor, mas não serve pra se misturar na música.

NARA MELÃO - De todas as casas do país, a sua é a mais ouvida pelo pessoal da rádio.

MEXERQUINHA GONZAGA - Nós até pensamos em nos organizar para uma visita. Organizar um concerto no seu quintal.

MELANCIA BETHÂNIA - Ou na cozinha... em qualquer lugar da casa.

DAÚVA DE OLIVEIRA - Menos na oficina, porque lá, o seu tio emporcalha tudo!

MARIA - É verdade... Titio é (*para, desconfiada*) Mas que implicância com o meu tio, coitado. O que foi que ele te fez?

ABACAXI DE ALMEIDA - Nós temos muita vontade de te ver cantando assim na nossa frente... ao vivo... Canta!?

NARA MELÃO - Nós fazemos um coro ao fundo e você solta a voz.

MARÍLIA PÊRA - Mas primeiro, queremos aproveitar pra te dizer que você foi eleita a rainha...

DAÚVA DE OLIVEIRA - Mas rainha não é eleita... Quem é eleita é presidenta.

MARÍLIA PÊRA - Então foi escolhida, pronto (*Para Maria*). Você foi escolhida a rainha das rainhas do rádio!

(*Aplausos*)

MARIA - Quanta emoção pra um dia só. Muito obrigada, meninas! Mas agora... não me levem a mal não, mas preciso ir embora. Já está muito tarde e, por mais que a gente tente espichar os dias felizes como o de hoje, o tempo não espera... a noite sempre chega. Depois, nasce o sol empurrando um dia novo por cima desse que acabou de acabar. E a gente precisa enfrentar a quarta-feira de cinzas, às vezes tão longa, a longa quarta-feira, às vezes tão cinza; sabendo que outros carnavais virão e, por mais difícil que alguns dias possam ser, é mais bonito viver cantando.

Boa noite, meninas! Boa noite Tico-Tico!

TICO-TICO - Boa noite, Maria. Foi uma honra! Durma sossegada que nós estaremos por aqui.

DAÚVA DE OLIVEIRA - De noite embalando seu sono...

MEXERQUINHA GONZAGA - E de manhã nós vamos te acordar...

Dentre outros pequenos ilustres

(Sobe um acompanhamento musical lento de “Cantoras do rádio”. As cantoras e Almirante Tico-Tico vão desaparecendo na penumbra lentamente entoando as notas da canção em vocalize, como se fosse canção de ninar. Sobra somente um foco em Maria, que dirige-se à plateia, com voz sonolenta).

MARIA - Queridos ouvintes, gentil molecada...
Quem não gosta de samba, não gosta de nada.
Remexa as cadeiras e requebre meu bem,
pois eu vou cantar
e vou lhes mostrar
o que é que a Maria tem!

(A atriz que manipula a boneca Maria a coloca para dormir, enquanto o restante do elenco perfila-se com alguns bonecos nos cantos da boca de cena. A atriz paramenta-se com o “chapéu de Tutti-Frutti”, os colares e balangandãs enquanto canta os primeiros versos da canção “Adeus Batucada” que Synval Silva compôs para Carmen numa tarde em que uma cigana disse a ela que ela morreria jovem. O acompanhamento é um pandeiro em uma levada lenta. É como se a personagem Carmen Miranda seguisse em cena - imortal - enquanto Maria descansa, na metáfora do “sono da vida” que nossa cigana emprestou do também espanhol Calderón de la Barca. O elenco vai se integrando ao canto até o fim dos versos “E trago no lenço essa lágrima sentida. Adeus batucada, adeus batucada querida!”. A luz vai baixando lentamente junto com a intensidade do acompanhamento do pandeiro, até chegarmos ao escuro e ao silêncio).

Os sonhos acabam, mas os sonhadores são imortais.

FIM...

Ali Freyer



Tico-Tico e Maria
Foto: Lídia Ueta



Tico-Tico e Maria
Foto: Lídia Ueta

